



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE TOCANTINÓPOLIS
CURSO DE GRADUAÇÃO DE PEDAGOGIA**

KARLENE BORGES CIRQUEIRA

CONSTRUINDO A SEXUALIDADE A PARTIR DA RELAÇÃO ESCOLAR

**TOCANTINÓPOLIS – TO
2007**

KARLENE BORGES CIRQUEIRA

CONSTRUINDO A SEXUALIDADE A PARTIR DA RELAÇÃO ESCOLAR

Monografia apresentada à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Tocantinópolis para obtenção do título de Pedagogia, sob orientação do Professor Elizeu Riscarolli.

TOCANTINÓPOLIS – TO

2007

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas (SISBIB) UFT

C578c Cirqueira, Karlene Borges.
Construindo a sexualidade a partir da relação escolar / Karlene
Borges Cirqueira. - Tocantinópolis, TO, 2007.

63 f.

Monografia de Graduação – Universidade Federal do Tocantins –
Campus Universitário de Tocantinópolis – Curso de Pedagogia.
Orientador: Prof. Dr. Eliseu Riscarolli.

1. Sexualidade. 2. Jovens. 3. Adolescentes. 4. Família. I. Título.

CDD 306.7

Bibliotecária responsável: Fani Rodrigues Hisatomi CRB 2-1399

KARLENE BORGES CIRQUEIRA

CONSTRUINDO A SEXUALIDADE A PARTIR DA RELAÇÃO ESCOLAR

Monografia apresentada à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Tocantinópolis para obtenção do título de Pedagogia, sob orientação do Professor Elizeu Riscarolli.

Data de Aprovação:07/03/2007

Banca Examinadora:

Prof. Doutor. Elizeu Riscarolli. Orientador - UFT

Profª. Mestre. Maria da Graça Azevedo. Examinadora - UFT

Profª. Doutora. Francisca Rodrigues Lopes. Representante - UFT

Dedico os resultados desta reflexão crítica, a minha mãe, que sempre se dispôs a me motivar e a levantar conceitos de que somos responsáveis pela nossa história. Portanto, necessitamos fazer jus a todas as oportunidades que nos permitem crescer, rumo ao protagonismo da vida. Sendo que na vida real, muitas vezes, somos nós, via escolhas e não-escolhas, que nos encarregamos por redigir um papel de protagonista ou coadjuvante, basta construirmos um caminho que nos proporcione concretizar aquilo que sonhamos.

AGRADECIMENTOS

A Deus,

Por me dar forças para superar os momentos difíceis e pela motivação pessoal de prosseguir na jornada acadêmica, dentro de uma perspectiva de que, para compreender o mundo e os acontecimentos que nele decorrem, é preciso estar desperto para absorver o conhecimento. Pois o verdadeiro crescimento que podemos encontrar nos palcos universitários está intrinsecamente relacionado à oportunidade de ascendermos pessoal, intelectual e humanamente. Isso faz a diferença!

A meu pai, João Batista e minha mãe, Luiza, por serem meu porto seguro.

Aos meus irmãos, Carleane e Siderley, a quem desejo ser referencial para a vida.

A minha querida avó, Maria e ao meu avô, Cândido, por me ensinarem que os grandes homens, são aqueles que se ocupam em fazer das pequenas coisas, algo significativo.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Elizeu Riscarolli, por predispor-se em me orientar, dentro de um perfil de dedicação que só os grandes educadores, que manejam uma visão de mundo movimentada pelas exigências que o contexto social nos aplica, é capaz de escrever a sua história pessoal e profissional, a partir de uma práxis de comprometimento, que oportuniza aos seus orientandos absorver noções férteis sobre os verdadeiros objetivos de um ensino despido de mitos e expectativas de “receitas prontas” perante as discussões eleitas, construindo assim, elos de uma educação para a vida.

Infelizmente, em nossas escolas, ainda educamos nossas alunas para serem submissas e os nossos alunos para serem líderes. A repressão em vários aspectos e principalmente no aspecto sexual, ainda funciona, na escola, em casa, e em outros espaços educativos, como uma forma de silenciar as questões que as crianças fazem e que muitas/os de nós, pela educação repressora que recebemos, não conseguimos responder. Essa prática é o que me intriga e me impulsiona a refletir a respeito da sexualidade e da emergência de um trabalho pedagógico de Orientação Sexual real e eficaz, pela necessidade que temos de mudar a realidade na qual estamos inseridas/os. Este é o nosso papel enquanto educadores e educadoras, e é também nossa função promover uma reflexão sobre a nossa prática visando à equidade entre os gêneros.

(Jeane Silva, 2003, p. 295)

RESUMO

Este texto monográfico é uma tentativa de análise para compreender como jovens e adolescentes constroem e vivenciam sua sexualidade e dos reflexos disso no processo pedagógico, já que a escola tem se configurado como espaço de aprendizado oficial. Caracterizando-se em um trabalho voltado para um tema de extrema relevância, visa captar pontos e aspectos significativos sobre a realidade de jovens e adolescentes no Bico do Papagaio, reportando os dados coletados com a relação pedagógica propriamente dita, quando uma das preocupações aqui constadas diz respeito à separação entre sexualidade e escola. Assim, convidamos os atores a refletirem sobre informar, direcionando a sua prática para o suprir as expectativas básicas do educando. Considerando a sexualidade como uma característica humana, esta deve ser entendida como uma prática que requer especial atenção não somente dos órgãos promotores da saúde pública, mas, sobretudo da escola uma vez que este é o espaço da aprendizagem, sem negar, é claro, a parte que compete à família. O tema é importante, pois suscita reflexões no que tange ao enfrentamento de problemáticas como a prevenção de Doenças Sexualmente Transmissíveis/Aids, gravidez precoce, aborto e demais temas afins. Neste sentido, é preciso que a sexualidade seja vista, compreendida e pensada como um tema “normal”, apesar das inúmeras polêmicas que gera a quem se dispõe a tratá-lo, especialmente no cenário escolar. É preciso construir projetos nos quais o ponto alcance a compreensão madura de que falar sobre sexo é uma das dimensões mais fundamentais da existência humana, uma vez que a tríade do desejo, do prazer e da afetividade devem ser compreendidas como dimensões mais profundas que do relacionamento, é imperioso que a sexualidade abdique o posto da recusa no universo das ações escolares, que só se fará ativa mediante a assunção, por parte da escola, do seu papel desejável perante a sexualidade em face à necessidade de desenvolver projetos pedagógicos que correspondam a questões relativas aos cuidados que envolvem o tema e seus atores.

Palavras-chave: Sexualidade. Jovens. Adolescentes. Educação e Família.

ABSTRACT

This text monographic is an analysis attempt to understand as young and adolescents build and they live his/her sexuality and of the reflexes of that in the pedagogic process, since the school has if configured as space of official learning. Being characterized in a work gone back to a theme of extreme relevance, it seeks to capture points and significant aspects on the youths' reality and adolescents in the Beak of the Parrot, moderating the data collected with the pedagogic relationship, when one of the concerns here consisted says respect to the separation between sexuality and school. Like this, we invited the actors to reflect her/it on informing, addressing his/her practice for supplying the student's basic expectations. Considering the sexuality as a human characteristic, this should be understood as a practice that requests special attention not only of the organs promoters of the public health, but, above all of the school once this is the space of the learning, without denying, of course, the part that competes to the family. The theme is important, because it raises reflections with respect to the problemáticas enfrentamento as the prevention of Diseases Sexually Transmissíveis/Aids, precocious pregnancy, I miscarry and too much similar themes. In this sense, it is necessary that the sexuality is seen, understood and thought as a "normal" theme, in spite of the countless polémicas that it generates to who it is disposed to treat him, especially in the school scenery. It is necessary to build projects us which the point reaches the understanding ripens that to talk about sex it is one of the most fundamental dimensions of the human existence, once the triad of the desire, of the pleasure and of the affectivity they should be understood as deeper dimensions than of the relationship, it is imperious that the sexuality abdicates the position of the refusal in the universe of the school actions, that it will only be made active by the assumption, on the part of the school, of his/her desirable role before the sexuality in face to the need to develop pedagogic projects that you/they correspond to relative subjects to the cares that involve the theme and their actors.

Word-key: Sexuality. Young. Adolescents. Education and Family.

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

Gráfico 01 - Opção Sexual.....	35
Gráfico 02 - Residência.....	36
Gráfico 03 - Quanto à faixa-etária dos entrevistados, organiza-se.....	37
Gráfico 04 - Escolaridade.....	38
Gráfico 05 - Trabalho.....	39
Gráfico 06 - Gostaria de ter filhos.....	39
Gráfico 07 - Motivos para ter filhos.....	40
Gráfico 08 - Motivos para não ter filhos.....	40
Gráfico 09 - Idade do pai.....	41
Gráfico 10 - Idade da mãe.....	41
Gráfico 11 - Experiência Sexual.....	42
Gráfico 12 - Iniciação sexual.....	43
Gráfico 13 - Iniciação sexual.....	43
Gráfico 14 - Uso de preservativo.....	45
Gráfico 15 - Gravidez até 15 anos.....	47
Gráfico 16 - Gravidez entre 15 aos 17 anos?.....	47
Gráfico 17 - Gravidez com mais de 17 anos.....	47
Gráfico 18 - Gravidez precoce.....	48
Gráfico 19 - Uso de camisinha.....	49
Gráfico 20 - Conversa sobre AIDS/HST.....	49
Gráfico 21 - Amigo Homossexual.....	50
Gráfico 22 - Sexo do amigo Homossexual.....	51
Gráfico 23 - Falar sobre sexo com o pai.....	52
Gráfico 24 - Falar sobre sexo com a mãe.....	52
Gráfico 25 - Estado civil.....	52
Gráfico 26 - Abordagem na sala de aula.....	53

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
2 FALANDO SOBRE SEXO.....	15
2.1 A representatividade do sexo na vida humana.....	15
2.2 Sexo, prazer e responsabilidade.....	17
2.3 A sexualidade como objeto de estudo nas escolas: a responsabilidade social da escola em foco.....	22
2.4 A escola como agente mediador entre a família e a sociedade.....	32
3 REFLETINDO A SEXUALIDADE DE JOVENS E ADOLESCENTES.....	34
3.1 Trabalho e educação.....	38
3.2 Adolescência e gravidez.....	46
3.3 A escola e a educação sexual.....	53
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	56
REFERÊNCIAS.....	62

1 INTRODUÇÃO

À medida que nos aprofundamos em estudos sobre a sexualidade humana, percebemo-la como um contexto rico e significativo em sua história. Isso porque, os elementos construtivos dessa história marcam a existência bem antes de nascermos. Sustentando que cada um de nós, indistintamente, constrói a sua sexualidade desde os seus primeiros instantes de vida, ou seja, após o nascimento, a partir de um enredo inserido num processo que, dependendo das circunstâncias da realidade em que convive, passa a ser marcado por repressões, obtenção de prazer ou até mesmo sentimento de culpa, sendo que tais singularidades se caracterizam em manifestações interdependentes aos valores culturalmente aceitos/impostos na constituição familiar e social do indivíduo.

Para falar sobre sexualidade, em consonância com o que preceituam os chamamentos mais urgentes na formação do ser humano, quando o objetivo maior de uma ação nessa envergadura deve ser a construção de uma consciência crítica a respeito do assunto, o tema não deve ser levado à categoria da complexidade.

Assim, as abordagens sobre a sexualidade como objeto de estudo nas escolas, deve ter como proposta central a postura de que, falar sobre sexo, quando se tem como público-alvo de jovens e adolescentes, tendo a escola como agente mediador entre família e sociedade, significa trazer para o contexto escolar questões que, infelizmente, ainda são tratadas e tidas como tabus. Entretanto, na medida em que se compreende a inerência entre educação e sociedade, cogitar o assunto, é uma necessidade muito grande, visto que ela, a sexualidade, representa na vida do homem, tanto em termos de sua afetividade para a perpetuação de espécie humana, quanto para as necessidades de aprendizado que os alunos trazem consigo.

A partir deste pressuposto, este trabalho tem como ponto de apoio uma coleta de dados que, indubitavelmente, vai oferecer subsídios para a construção do trabalho monográfico, sendo necessário refletir posicionamentos, tanto da escola, quanto da família sobre o tema, uma vez que sem estes elementos, não haveria como construir bases sólidas para um trabalho que, interessa a muitos, pois tratamos de uma sociedade preconceituosa, amparada por tabus que se opõem a respeitar pontos relevantes como a opção sexual de cada um, sendo que o

momento atual reclama uma sociedade em que cada um é livre para fazer sua própria escolha, ou, ao menos deveria ser.

Assim sendo, é válido sustentar que a discriminação sexual começa desde cedo, necessariamente ainda no âmbito familiar, quando a criança é excessivamente podada e, de alguma forma, a tendência é reprimir os seus sentimentos, fator esse que implica decisivamente na fase adulta. Nesse entendimento, passa a ser vista como algo proibido. Isso é reflexo dos diferentes pensamentos construídos por homens e mulheres, sendo fruto de comportamentos em diferentes momentos da vida. E a partir desses aspectos podemos levantar várias questões:

Como a sexualidade é vista pelos jovens e adolescentes? E a escola, está preparada para trabalhar produtivamente, isto é, dispor de embasamento teórico, fontes diversas e metodologias adequadas sobre o assunto, de modo a conduzir, com eficácia, sobretudo, quando se trata de uma clientela que inclui como protagonistas nesse cenário jovens e adolescentes?

Com base nas problematizações acima, o objetivo central desse trabalho está no anseio de refletir sobre atitudes e comportamentos de adolescentes e jovens no exercício de sua sexualidade, buscando suporte de compreensão nas teorias pedagógicas, suportes que possam contribuir para reflexão a partir dos dados coletados na pesquisa. E isso só será possível alcançar se houver uma ação voltada a conhecer a diversidade de valores e comportamentos relativos à sexualidade, reconhecendo a relevância que representa o respeito mútuo pelo próximo, bem como pelas suas escolhas sexuais, semelhanças e dessemelhanças.

Assim, se faz necessário ainda, reconhecer como as construções culturais às características socialmente atribuídas ao masculino e ao feminino, posicionando-se contra a discriminação a eles associada ocorrem, rumo à criação de uma consciência crítica em face às decisões responsáveis sobre a sexualidade, de modo a abdicar-se do caráter acrítico sobre o assunto, vendo-o de uma forma saudável a ponto de assimilar situações que evoquem posicionamentos saudáveis acerca do tema e ainda ter como ponto de partida um levantamento prévio, a respeito das consequências de uma gravidez precoce e/ou abortos, levando em consideração implicações como o abandono da vida escolar, etc.

Partindo dessas considerações, as discussões aqui presentes encontram-se divididas em dois capítulos, sendo que o primeiro inclui a temática **Falando sobre sexo**, buscamos refletir sobre a representatividade da sexualidade na vida humana,

dentro de um repertório que o focalize como um ato a ser praticado para a obtenção de prazer, mas com responsabilidade. Ainda se faz menção, nessa discussão, à questão sobre o lugar da sexualidade como objeto de estudo nas escolas, dando ênfase a leituras que reivindicam a responsabilidade social dessa instituição na tomada de postura e no desenvolver de uma prática em que a própria escola esteja integrada como agente mediador entre a família e a sociedade.

No segundo capítulo, discorreremos sobre o tema ***Conhecendo e refletindo a realidade: vivendo a sexualidade***, contemplando a apresentação e a análise crítica da coleta realizada com jovens e adolescentes sobre a sexualidade, acolhendo subitens como gravidez e adolescência, escola e educação sexual.

Diante do exposto, as análises aqui constituídas conferem uma forma de refletir a educação e sua inerência em face às necessidades que perpassam no espaço escolar, portanto, não deve ser apresentada como uma discussão completa e acabada, todavia, inclui o esforço de sustentar que assim como a vida fora da escola está impregnada a um emaranhado de exigências que necessitam ser tratadas com urgência, se a escola cumprir o seu papel de ser mais uma instituição a serviço da transformação de realidades, contribuirá com dissipação de equívocos e será um ato que reflete o cumprimento de sua responsabilidade social perante a formação do cidadão.

2 FALANDO SOBRE SEXO

2.1 A representatividade do sexo na vida humana

Ao privilegiar discussões que inserem a questão da sexualidade, além de instigar a curiosidade dos alunos no sentido de conhecerem o funcionamento da própria anatomia do corpo humano, a escola também propicia o questionamento de papéis rigidamente estabelecidos a homens e mulheres na sociedade, sendo importante ressaltar que, se o pensamento e a valorização de ambos os sexos forem seriamente abordados dentro do espaço escolar, serão estes visto sob ótica de respeito e como uma das necessidades mais básicas da vida humana, pois o sexo se faz presente não somente na anatomia humana, a partir dos órgãos sexualmente ditos, mas está presente e inerente às mais diversificadas práticas e desejos que homens e mulheres desenham em suas fantasias e realizações.

Daí nasce a proposta de que a sexualidade entre os seres humanos, de um modo geral, seja compreendida por um universo maior de significação, pois raramente tem-se encontrado pessoas predispostas a pensarem no que, essencial e verdadeiramente significa o sexo para a realização humana. Assim sendo, cai por terra o discurso de que sexo é assunto para ser tratado a portas fechadas, por ser algo indecoroso. Urge a necessidade de que a escola abdique da postura ingênua a que outrora se encontrava inserida, pois sexo é vida e portanto, é saudável e imensamente proveitoso cogitar o assunto tendo como objeto de apreciação construir, em parceria com a escola, um diálogo com a vida, uma vez que sexo é vida.

Em consonância com esse ponto de vista, está explícito nos discursos daqueles que se dedicam à apreciação das necessidades mais básicas que perpassam na realidade escolar, a afirmação de que:

A escola é um espaço privilegiado para o trabalho de orientação sexual, já que esta é uma intervenção pedagógica. Além disso, na escola, os vínculos entre professores/as e alunos/as são bastante significativos, podendo ser trabalhados os conteúdos de relevância para a sexualidade e as informações a respeito desta sem aquela pressão que é normalmente manifestada por pais e mães (SILVA, 2003, p. 303).

Neste sentido, é conveniente a sustentação de que a sexualidade formaliza aspectos de fundamental importância no desenvolvimento e na vida psíquica das pessoas, isso porque, independe de questões inerentes à potencialidade reprodutiva meramente, pelo fato de relacionar-se com a busca do prazer. Eis aí, uma das necessidades fundamentais dos seres humanos, afinal,

Sabe-se que a sexualidade humana é uma dimensão que abarca muitos aspectos do sujeito social, não é apenas o sexo genital e compreende também aspectos psicológicos, religiosos, políticos, éticos e principalmente culturais. A sexualidade humana reveste-se de alta subjetividade e as representações sobre a mesma é que vão balizar a abordagem, ou não, do tema dentro da escola (SALA & QUINTANA, texto disponível no site www.pedagogobrasil.com.br).

Neste aspecto vetor, pode-se compreendê-la como algo essencial, que se exprime desde o momento do nascimento até a morte, manifestando-se de formas diferentes a cada etapa do desenvolvimento humano. Por outro lado, é prudente sustentar que, pela compreensão que assinala a sua construção ao longo da vida, há de convir a sua presença marcada no percurso da história, por intermédio de fatores culturais e científicos, bem como sendo relevante inserir no conjunto dessas colocações a questão do afeto e dos sentimentos, o que significa alguma forma de expressão singular a cada sujeito.

A expressão sexualidade, conforme sustentam alguns autores, tem-se revelado um termo relativamente recente, alargando o seu conceito a partir da distinção entre duas importantes dimensões: necessidade e desejo, compreensão que contribuiu para que, ao referir-se a sexo se concatenasse, aleatoriamente, a função reproduzir, de modo a ser concebido como observa CHAUI (1985):

Um fenômeno mais global que envolve nossa existência como um todo, dando sentidos inesperados e ignorados a gestos, palavras, afetos, sonhos, humor, erros, esquecimentos, tristezas, atividades sociais como o trabalho, a religião, a arte, a política que, à primeira vista, nada têm de sexual (p. 11).

Assim vista, passa a ser inseparável de valores, o que suscita a inferência de que, para compreender a sexualidade pela sua representatividade na vida humana, deve-se recorrer a diversas contribuições como a Antropologia, a História, a Economia, a Sociologia, a Biologia, a Medicina, a Psicologia entre outras, como vem tecida a colocação organizada nos estudos de SPENCER (1999):

Tentei identificar as condições que moldam a maneira como a sexualidade é expressa, mostrando como ela é influenciada pela tradição, cultura, economia, propriedade da terra, número de mulheres em idade de procriar, princípios éticos, identificação social e semiótica – tudo que se pode chamar estrutura político-cultural de uma sociedade (...). Acredito que a sexualidade exista em toda a sua profundidade e complexidade, a despeito de como a

sociedade tenta controlá-la e conduzi-la. Algumas pessoas diriam que ela é a nossa força interna e que por isso temos tanto medo dela e, continuamos a subjugar-la e a dominá-la, mesmo quando não há necessidade disso (p. 10ss).

É importante a ressalva de que uma vez que se entende que, se por um lado, o sexo passa a ser compreendido como uma forma de expressão biológica, sob a leitura de definir um conjunto de características anatômicas e funcionais, isto é, genitais e extragenitais, por outro, é imperativo mensurá-lo dentro de um contexto bem mais amplo, via expressão cultural.

Isso porque, em cada sociedade, são designadas formas diversificadas de regras que, por fim, constituem todo um aparato que aloja um conjunto de parâmetros sobre o comportamento sexual de cada indivíduo. É pois, nessa expectativa, que nasce a proposta de considerar a sexualidade sob três fundamentais dimensões, a saber: a biológica, a psíquica e a sócio-cultural.

2.2 Sexo, prazer e responsabilidade

Ao considerar que o sexo marca presença contínua na vida humana, é conveniente que a sua vivência saudável passe a ser considerada como premissa fundamental para a construção de parâmetros para a realização da felicidade, dado que passa a ser compreendido como um dos aspectos essenciais de desenvolvimento global dos seres humanos.

Dessa forma, a sexualidade se constrói a partir das possibilidades individuais e coletivas por meio da interação com o meio e a cultura. É, pois, nesse sentido, que se confere uma demasiada dose de exploração acerca de questões que suscitam à inferência de que sexo não inclui somente prazer, mas responsabilidade.

Assim, faz-se necessário, ao privilegiar o sexo além da essência do prazer, construir noções férteis dentro do ambiente escolar de como trabalhar esse lado da realidade dos alunos, o que implica numa acentuada dose de predisposição e boa vontade – por parte daqueles que se ocupam ao encargo dessa árdua missão.

Diante dessa necessidade, um dos pontos favoráveis para o desenvolvimento de práticas que possam efetivar a teoria, está a predisposição que jovens e adolescentes manifestam em relação ao sexo. Afinal, vive-se um momento em que falar sobre sexo é tido como uma atitude saudável e bem-vinda em diversas

instâncias da vida social, e por que não na escola? Como sustenta SILVA (2003), o fato de que:

A abordagem da sexualidade nas nossas escolas merece uma atenção especial e urgente. Enquanto este trabalho não acontece os índices de gravidezes precoces, contaminação por HIV/AIDS, abortos sem segurança e vida sexual antecipada e infeliz continuarão a ser constantes problemas. Devemos prevenir os problemas investindo em educação de qualidade, caso contrário, gastaremos muito mais recursos financeiros com saúde e gastaremos, principalmente, recursos humanos, vidas perdidas, caminhos sem volta, gerando ainda mais problemas sociais (p. 308ss).

É muito bem-vinda a análise que tece a autora, sobre a necessidade de trazer para o ambiente escolar questões que possam contribuir para oportunizar nortes seguros quanto à orientação sexual dos jovens e adolescentes, principalmente, por considerar o ponto de vista de que o ato sexual não se delinea apenas à busca do prazer, embora a efetividade desse prazer possa ser um fio condutor para a felicidade, todavia, é necessário fazer sexo com responsabilidade e qual seria essa responsabilidade? Quais as contribuições da Orientação Sexual nesse trâmite? Ou melhor, que tipo de espaço a sociedade disponibiliza para isso? Para responder a tais indagações é bem-vindo o discurso que tece SILVA (2003):

A sexualidade na sociedade contemporânea vem ganhando um espaço significativo. Este espaço foi conseguido através da luta de vários movimentos sociais – feminista, gay e lésbico, entre outros – pelo grande número de gravidezes precoces e abortos, e pelo avanço das Doenças Sexualmente Transmissíveis e, principalmente, da AIDS. Muitas pessoas, a mídia e os órgãos sociais, passaram a se preocupar com a grande avalanche de problemas causados pela falta de informação adequada e vêm discutindo formas de tentar reverter essas mazelas que afetam grande parte da sociedade. Assim, surge o tema Transversal Orientação Sexual, na tentativa de preencher as lacunas de informação deixadas pelas famílias e preparar crianças e jovens para a vivência de uma sexualidade prazerosa e saudável (p. 306).

Considerando as recomendações constantes nos PCN sobre Orientação Sexual, é importante ressaltar, o alerta de que “os temas ligados à sexualidade afloram na cabeça dos adolescentes de forma natural, modificam seus comportamentos e despertam muita curiosidade (Ver. Nova Escola, p. 33). Por essa razão, percebe-se a naturalidade com que a temática é tratada, devendo receber um lugar ao sol nos projetos escolares, especialmente pelas recomendações de que compete ao educador, no desempenho de suas atribuições peculiares, a qual se resume também na tarefa de informar os estudantes quanto a questões relacionadas à sexualidade.

Por outro lado, cabe ao educador, ater-se cautelosamente, ao propor em sala a temática sexualidade, uma vez que falar sobre o assunto implica em ir além da concepção de que está inerente à genitália, considerando, fundamentalmente, outros aspectos relevantes, como, por exemplo, acionar diálogo entre a conjuntura social, tendo como aspecto vetor o histórico familiar do aluno e as concepções exploradas pela própria mídia.

Sobre a mídia, é importante frisar o seu potencial influenciador, especialmente os programas veiculados pela televisão. As novelas, por exemplo, que são classificadas como programas de maior audiência entre os telespectadores brasileiros, é urgente refletir as finalidades dos seus desfechos, quando o sexo é um dos pontos mais explorados nas cenas novelísticas e, embora esteja no auge retratar a realidade nos diversos temas vividos pelas personagens, o corpo, especialmente a sensualidade feminina, ganha um repertório banalizado, totalmente divergente das abordagens educativas.

De certa forma, alguns programas de televisão são tidos como referenciais. Os de auditório, por sua vez, findam por estimular crianças e adolescentes, a partir de imagens eróticas como as danças sensuais com a música “Dança da garrafa”, com a exibição de vinhetas nas quais as crianças faziam espetaculares coreografias.

Para o público adolescente, então, as cenas dessa faixa-etária são marcadas por conflitos ligados à primeira experiência sexual, quando a menina transa com o namorado, tendo como consequência uma gravidez precoce. Mas o grande alerta que se faz, é que numa trama como essa deveria ser reforçado muito mais a relevância de prevenir quanto à contaminação por DSTs, a gravidez e a AIDS, que, até o momento, é considerada uma doença incurável, todavia, o enredo sobre a sensualidade dos conflitos da primeira transa obtém uma atenção muito mais especial que os temas citados.

De acordo com CECCARELLI:

A mídia tem uma responsabilidade ética com aquilo que exhibe, e não pode ignorar a sua participação na construção social, na formação de mentalidades e no desenvolvimento psicossocial da criança e do adolescente. Atrair o que ela veicula unicamente aos pontos de audiência baseada na ideologia de uma cultura globalizante é desrespeitar a particularidade do tempo de maturação da constituição de cada sujeito (2006).

Pois, como se sabe, os jovens e adolescentes da atualidade dispõem de meios ricos aos quais podem recorrer quando o assunto é sexualidade. Então,

espera-se do ambiente escolar, ao promover a criação de um clima de debate e esclarecimento sobre o assunto muito mais que boa vontade, mas informação compatível com a necessidade da clientela convidada. A respeito disso, está o alerta de que:

Preparar as pessoas que vão trabalhar com Orientação Sexual na escola não é uma tarefa fácil, pois além de ser inerente aos seres humanos, a sexualidade é um dos assuntos mais repletos de preconceitos e estereótipos que a nossa sociedade possui, dificultando àquelas pessoas pouco resolvidas com a sua sexualidade a abordagem de conteúdos referentes a ela (SILVA, 2003, p. 308ss).

A análise sobre a ação implica ainda, na inferência de que para alcançar a essência do que se pretende conhecer ou mesmo intervir, falar sobre sexo vai convergir para o ponto de vista de que é necessário construir um posicionamento que evoca a idéia de que sexo não deve ser visto como um vício, como algumas leituras conotam, mas uma necessidade. Assim, ao atentar para a realidade, há de se convir que um dos pontos que justificam essa análise implica na colocação de que

A sexualidade está presente e faz parte da nossa vida, podendo ser vista como a base da curiosidade, a força que nos permite elaborar e ter idéias, bem como o desejo de ser amado e valorizado à medida que aprendemos a amar e a valorizar o outro (BRITZMAN, 1998, p. 162).

Desta feita, a cada reflexão elaborada sobre a temática, percebe-se, sob uma certa intensidade, a necessidade da escola estar promovendo e incluindo em suas ações centrais o tratamento de temas que oportunizem ao educando posicionar-se crítica e coerentemente ante ao assunto. Isso porque, compreender a sexualidade, implica numa leitura profunda sobre uma das principais fases humanas, momento que configura o olhar de que o sexo está presente desde o nascimento, perdurando por toda a vida do ser humano e a escola, por sua vez, ao fazer jus a tal demanda, não deve opor-se a discussões que possam contribuir para a formação de seres pensantes e atuantes.

A partir das análises construídas, especialmente pelo peso que exerce o discurso no qual a escola é eleita como espaço de construção de mentes pensantes e atuantes, vaga em significado seria essa reflexão se não se fizesse uma relação com os objetivos elaborados em prol do trabalho de Orientação Sexual, uma vez que destes se espera contribuir para que os alunos possam desenvolver e exercer sua sexualidade com prazer e responsabilidade, visão que concatena o tema ao exercício da cidadania.

Assim, o tema Orientação Sexual deve se organizar para que os alunos sejam capazes de:

Respeitar a diversidade de valores, crenças e comportamentos existentes e relativos à sexualidade, desde que seja garantida a dignidade do ser humano;
 Compreender a busca de prazer como uma dimensão saudável da sexualidade humana;
 Conhecer seu corpo, valorizar e cuidar de sua saúde como condição necessária para usufruir de prazer sexual;
 Reconhecer como determinações culturais as características socialmente atribuídas ao masculino e ao feminino, posicionando-se contra discriminações a eles associadas;
 Identificar e expressar seus sentimentos e desejos, respeitando os sentimentos e desejos do outro;
 Proteger-se de relacionamentos sexuais coercitivos ou exploradores;
 Reconhecer o consentimento mútuo como necessário para usufruir de prazer numa relação a dois;
 Agir de modo solidário em relação aos portadores do HIV e de modo propositivo na implementação de políticas públicas voltadas para prevenção e tratamento das doenças sexualmente transmissíveis / AIDS;
 Conhecer e adotar práticas de sexo protegido, ao iniciar relacionamento sexual;
 Evitar contrair ou transmitir doenças sexualmente transmissíveis, inclusive o vírus da AIDS;
 Desenvolver consciência crítica e tomar decisões responsáveis a respeito de sua sexualidade;
 Procurar orientação para a adoção de métodos contraceptivos (BRASIL, 1996).

Um momento relevante para essa prática orientadora é a adolescência, por sobressair-se como uma tarefa de múltiplas transformações e destas, conflitos e questionamentos. E, como alerta SUPPLY (1983), a informação sobre o assunto é uma forma de amenizar e prevenir conflitos futuros, dado que

A adolescência é uma época de contestação e espera-se então um grande questionamento dos valores por parte dos adolescentes. Aparentemente isso ocorre, mas uma análise menos superficial mostra que em relação à sexualidade o adolescente vive muito angustiado e culposos porque se comporta ou tem anseios diferentes do que os pais recomendam em relação ao sexo. Esse conflito dificulta a vivência da sexualidade para o desenvolvimento do prazer (p. 67).

Mediante as discussões inseridas nessa temática, alude-se que a escola não pode ficar alheia ao que acontece dentro e fora do seu cenário de atuação, entretanto, deve estar à procura de momentos oportunos nos quais seja levado a sério a Orientação Sexual, sendo relevantemente importante conhecer o assunto, bem como se desarmar de todos os rótulos construídos sobre sexualidade, dada a necessidade que vive em cumprir o seu trabalho dentro da conjuntura dos fins educacionais.

2.3 A sexualidade como objeto de estudo nas escolas: a responsabilidade social da escola em foco

A cada dia que passa, tem crescido o número de discussões que privilegiam a questão da sexualidade enquanto objeto de estudo no âmbito escolar. Esse quadro tem sido refletido ao passo que se compreende a importância de uma nova vida sexual equilibrada com jus à formação global do indivíduo.

Nesse sentido, com diferentes enfoques e ênfases, a retomada contemporânea dessa questão advém de uma abertura política, a qual configura a escola em face ao seu papel colaborador, por intermédio de falas e proposições que culminam no impasse de levar a escola a repensar sobre o seu papel mediador ante novos cenários que se descortinam bem como em face aos conteúdos por ela trabalhados.

Desta feita, buscaremos reconhecer o fenômeno educacional como uma ação intrinsecamente articulada à vida humana, priorizando a discussão de que é necessário considerar que a sexualidade, na sua dimensão educativa, remete à esfera política, econômica, social e ética da vida dos alunos.

Nesse sentido, ao pressupor que a sexualidade é parte integrante às diversas e multifacetadas atitudes decorridas, bem como nos diversos espaços físicos que configuram a escola, urge o momento de buscar respostas válidas para uma indagação prática: como os professores lidam com a sexualidade de seus alunos, no âmbito escolar? Uma vez que

A escola é de fundamental importância na construção de uma reflexão no que diz respeito à sexualidade dos/as alunos/as. São os/as profissionais da escola as pessoas mais indicadas, além da família, para mostrar efeitos e causas dos atos cometidos irresponsavelmente. O/a jovem tem direito de optar como deseja vivenciar a sua sexualidade, que é diversamente vivenciada por todos/as nós, mas, tem o direito também, de conhecer as formas de prevenir e evitar gravidezes indesejadas e doenças, além de preservar e elevar a sua auto-estima e auto-cuidado, para a vivência prazerosa da sexualidade por cada um/a (SILVA, 2003, p. 312).

Um dos pontos de apoio para a organização de atividades que possam evidenciar a necessidade da escola encontrar-se desperta para a questão da sexualidade, dá-se mediante a preocupação com os alarmantes índices de gravidez precoce e das DSTs (Doenças Sexualmente Transmissíveis), quando registros relatam que:

A partir de meados dos anos 1980, a demanda por trabalhos na área da sexualidade nas escolas aumentou devido à preocupação dos educadores com o grande crescimento da gravidez indesejada entre as adolescentes e com o risco da contaminação pelo HIV (vírus da AIDS) entre os jovens. Em princípio, acreditava-se que as famílias apresentavam resistência à abordagem dessas questões no âmbito escolar, mas atualmente sabe-se que os pais reivindicam a orientação sexual nas escolas, pois reconhecem não só a sua importância para crianças e jovens, como também a dificuldade de falar abertamente sobre esse assunto em casa (BRASIL, 1996).

Outra saudável discussão nesse sentido se sedimenta no ponto de vista sustentado por TRINDADE & BRUNS (2003) ao discorrerem sobre a necessidade de um trabalho educativo voltado para a questão de um processo de gravidez não planejado, inferindo que

(...) é necessário pensar nas consequências de uma gravidez não planejada num momento em que se espera a formação, o preparo do jovem para ingressar no mundo adulto. Urge pensar também nas crianças, frutos da inconsequência dos jovens, que, na maioria das vezes, são criadas pelos avós, quando estes aceitam os netos, ou que são abandonadas por não serem desejadas, em razão, muitas vezes, da falta de condições econômicas para sua criação.

A gravidez na adolescência, abordada por uma perspectiva social mais ampla, torna-se relevante questão a ser pensada nas diversas instâncias sociais. Afinal, em um futuro próximo, como ficará a inserção no mercado de trabalho de jovens que abandonaram os estudos para serem pais e mães? As garotas, em especial, percebidas injustamente como principais responsáveis pelo nascimento e, ainda, pela educação dos filhos, são as primeiras a abandonarem os estudos que dificilmente retomam, mas tarde (p. 18ss).

O discurso acima, evoca um certo despertar no tocante às consequências de uma gravidez. Muitas vezes, a escola se esquia da sua incumbência de preparar o jovem para a vida, deixando passar despercebidamente arestas que necessitam ser aparadas em conveniência com as necessidades sociais, como, por exemplo, o descontrole da natalidade e certas fatalidades que acometem a vida dos jovens e adolescentes, principalmente quando se tratar de situações, às vezes, irreversíveis ao olhar legal, como incorrer à prática abortiva.

De acordo com o acima exposto, fica explícita a necessidade veemente de criticar as políticas públicas da saúde, sob o prévio de cuidado de desresponsabilizar a escola por atributos que fogem às suas assunções peculiares.

Desta feita, trabalhar esse marco situacional é dever da escola e direito do alunado usufruir propostas que possam levar essa clientela, dentro de suas necessidades, a construir-se a si mesma, bem como efetivar uma prática sexual madura e segura, onde prazer, emoção e razão caminhem pelos mesmos horizontes.

Quando se pensa na questão da inserção da temática sexualidade ao currículo escolar, é unânime o ponto de vista de que as manifestações de sexualidade afloram em todas as faixas etárias. Hoje, com a censura livre, a mídia explora demasiadamente cenas temperadas de sexo, situação que tem gerado o grande impasse: ignorar, ocultar ou reprimir? Para responder a questões nesse grau, é necessário que o educador sinta a responsabilidade de ver que a orientação sexual deve fazer parte do seu cotidiano e por esse norte de apreciação, está intrínseca à ação pedagógica a todas e quaisquer discussões que façam parte das carências de sociedade. NUNES & SILVA (2000), colocam que:

(...) É importante que saibamos que quando trabalhada adequadamente esta expressão jamais se torna um obstáculo para as atividades, ao contrário, colabora grandemente para que o educador ganhe força e confiança do grupo e desenvolva as atividades escolares com muito mais segurança e sucesso. A postura receptiva por parte do educador e estas manifestações convergem numa prática profissional verdadeiramente formativa, no tocante à qualidade do processo de formação institucional da criança (p. 77).

Um outro pilar que sustenta essa discussão, diz respeito ao ponto de vista de que o papel da escola se volta à disseminação de ensinamentos que possam convergir para a transformação social, assim, informar e colher informações que possam criar, gerir e avaliar a eficácia do trabalho escolar devem estar presentes no currículo escolar. Questão que levanta a necessidade da escola encontrar-se de portas abertas para alcançar outras instâncias da vida do aluno, como o seu convívio extra-escolar, que é o caso da relação familiar.

Assim, é relevante a compreensão de que esse modelo de educação pode ter caráter repreensivo ou aberto, dado que o comportamento dos pais na relação com os filhos, especialmente quando se trata de sexo, ocorre sob a determinação de “cuidados e recomendações” que expressam, sem sombra de dúvida, determinados valores associados à sexualidade, absorvidos no processo educativo que receberam em seu processo de vivência familiar, o que vai implicar, indubitavelmente, na manifestação de valores conservadores ou liberais. Diante dessa inferência, é importante ressaltar que,

Vimos de uma educação familiar que ensinava as meninas a cuidar da casa e das crianças e, aos meninos que tudo era permitido pelo fato de serem homens. Essas representações dicotomizadas dos papéis sexuais e de gênero, características da família nuclear de classe média da sociedade urbano-industrial – cujo ápice se dá no século XX antes do surgimento do movimento feminista da década de 1960 – fizeram vítimas de discriminação as mulheres que por ventura não seguissem estas regras.

Por outro lado, a nossa herança cultural judaico-cristã restringe a sexualidade da mulher à reprodução, ou seja, à maternidade. Hoje, embora muito tenha mudado nesse sentido, muitas famílias continuam educando suas filhas e filhos de formas diferentes: a menina deve ajudar a mãe nos afazeres domésticos, enquanto o menino pode jogar futebol ou ganhar a rua; a menina deve casar virgem, enquanto o menino tem o direito de praticar sexo antes e fora do casamento. A família e a escola têm cumprido corretamente seus papéis de educar para a vida? (SILVA, 2003, p. 292).

Ao avançar esse discurso, a autora constrói uma breve alusão à questão da forma como a sociedade tem visto a atuação da mulher em relação à sua postura perante o sexo, inferindo que

A nossa sexualidade foi diretamente influenciada pelas mudanças em todas as épocas. Fomos castradas em nossa vontade de escolher se queríamos ou não copular, casar, ter filhos e filhas. Muitas de nós tiveram o parceiro escolhido por pessoas, quase sempre por homens dominadores e que queriam perpetuar a ideia de que a mulher era posse, primeiro do pai e futuramente do marido. A ideologia dominante era que a mulher seria responsável pela educação de seus/suas filhos/as e que não devia se afastar destes/as, correndo o risco de ser mal vista pela sociedade (machista) caso assim o fizesse. O homem não tinha a co-responsabilidade em relação aos cuidados diretos com as crianças responsabilizando-se, apenas, em sustentá-las (SILVA, 2003, p. 294ss).

Outra importante questão que deve ser levada em conta, ao se tratar da seguridade que deve ter o trabalho pedagógico, está no fato de que uma das presenças que marcam a educação familiar deve-se ao envolvimento da família a segmentos religiosos, ou seja, à questão de professar alguma crença religiosa ou não, bem como o nível de aceitabilidade aos credos que professa são os limiares que determinam, em grande parte, a educação familiar.

Muraro (2001) refere-se à fé religiosa como o

Princípio organizador de todos os outros sentimentos e motivações no ser humano. É ela que dá o sentido da vida, colocando a existência humana dentro de um contexto mais amplo e permitindo que soframos com esperança todos os sofrimentos. A fé tenta erotizar de certa forma o princípio da realidade com uma finalidade precisa: santificar o sistema econômico em que ela está inserida. Aqui estamos nos referindo literalmente à fé em Deus transcendente (p. 117).

Diante desse quadro desenhado sobre a realidade familiar, SPENCER (1999), tece um paralelo entre o ponto de vista arregimentado pela religião e o movimento Iluminista, sob a ênfase de que

O Iluminismo arrebatou com as cadeias do texto bíblico e decidiu ver o caráter do homem como uma *tabula rasa*. O impulso por trás do comportamento humano era o de evitar a dor e procurar o prazer. A verdadeira natureza do *Homo sapiens* era a inocência do Éden, de modo que todos os desejos, longe de serem pecaminosos, deviam ser considerados parte do bem divino. David Hume argumentou que a atração erótica foi “o primeiro e fundamental princípio da sociedade humana”. Novas correntes do hedonismo filosófico, inspiradas por Lamettrie, d’Holbach e

Diderot, defenderam o ponto de vista de que o sexo era um modo básico da alegria humana (p. 208ss).

Assim, a inferência que se faz diante desse quadro, levando em consideração a dicotomia entre agir em pertinência com os princípios religiosos e as transformações sociais, percebe-se a escola, enquanto instrumento voltado para a disseminação e construção do conhecimento, a possibilidade de que é no espaço privado, portanto, que são construídas, em maior intensidade, as noções nas quais o indivíduo constrói a sua sexualidade, todavia, tal constatação não a exime do seu papel acionador, no que tange à Orientação Sexual.

É importante nessa análise, também, a questão do papel da escola no tocante à mensuração avaliativa sobre a sua vivência sexual, visto que tais influências são ofertas de diversas formas e fontes: de livros, revistas, boletins informativos, de pessoas estranhas bem/mal intencionadas e, um desses meios que tem ocupado um lugar central no próprio seio familiar é a televisão, por meio da veiculação de propagandas, filmes e novelas sob um ritual intensamente erotizado.

Questões nesse patamar têm “tirado o sono” dos educadores, porque os alunos, às vezes involuntariamente as trazem para dentro da escola e se o educador encontrar-se despreparado para lidar com os assuntos de seu interesse, maculada será a sua imagem perante o público trabalhado. Nesse sentido, cabe à escola, em meio às exigências que nela perpassam desenvolver a sua ação crítica, reflexiva e educativa perante as necessidades dos alunos.

Mas uma questão que não deve, de modo algum, ficar às escuras, lista-se à parte que toca o fator discriminação. Muitas vezes, o professor, de certa forma por não perceber, suscita questões que afloram alguma forma de discriminação. Uma delas, dá-se, à questão da opção sexual, criando um cenário em que o heterossexual é bem aceito e visto como sujeito normal, enfim, dentro dos padrões e normalidades sociais enraizadas como caráter normal para a vida sexual.

Muitas vezes, esse quadro discriminatório se solidifica por meio de uma piadinha protagonizada pelos alunos ou pelo próprio professor, sob o discurso ingênuo de que fora uma estratégia para sair da mesmice quando, por sinal, pode ferir o posicionamento de alguém sobre o assunto, o que, sem sombra de dúvida, passa a ser um alicerce para que possa, mais uma vez, inibir a sua escolha sexual.

SPENCER (1999) tece uma visão bem abrangente sobre o homossexualismo, dividindo a atividade sexual através da história em cinco relevantes categorias, a saber:

A primeira são as relações em que há uma grande diferença de idade, entre um homem e um menino ou uma mulher e uma menina. Também representam uma espécie de iniciação ou proteção, um rito de passagem para o jovem na jornada em direção ao mundo adulto. Na segunda, temos as relações em que ocorre uma inversão de roupas, com um poderoso elemento de travestismo, até uma mudança completa nos papéis sociais. O terceiro caso envolve um casal com idade e posição social iguais. O quarto, um casal desigual que rompe as barreiras de raça. Os dois últimos tipos têm alguma coisa a ver com o aspecto protetor ou de iniciação do primeiro exemplo. O que hoje chamamos homossexualismo tem sido um tema constante de sexualidade de todas as sociedades. Com tristeza, tive que concluir que nossas sociedades ocidentais têm se mostrado ultimamente mais homofóbicas do que nunca; não talvez na legislação, mas nas atividades morais. Com grande alívio, descobri que muitas sociedades do passado estavam completamente livres desse preconceito (p. 13).

É possível compreender o ponto de vista do autor quanto à questão do certo medo em tratar sobre o assunto e a escola, por sua vez, não pode se abster dessa prática necessária.

Assim, por mais que julgue o educador a presença de imparcialidade entre o tema e a realidade, se se descuidar da sua prática, a sua atuação não surtirá o efeito desejado que é a contemplação da mudança e transformação, quando os discursos sociais elegem a escola como um dos caminhos que culminam para a mudança e a transformação social, sendo que o primeiro termo alude à proposta dos programas, como mudar por vestir uma nova roupagem e o segundo, por sua vez, ao interiorizar do ensino via eleição de conteúdos didáticos, ação da qual se solidifica toda a prática educativa.

Em suma, para se perceber a necessidade da escola exercer o seu papel perante a orientação sexual, não é necessário se escandalizar com os jargões e desenhos insinuantes grafados nas portas dos banheiros, muros e paredes escolares, mas é necessário criar uma atitude coerente que possa ser favorável à convivência social, sendo conveniente a crítica de que, a escola, por vezes, tem se dedicado na realização do impossível, todavia, deixa a sexualidade alheia aos seus programas, deixando com que temas de essencial relevância não sejam trabalhados, como a discriminação que a mulher é vitimada ante à sociedade machista, por exemplo.

A respeito disso, MURARO (2001), ao descrever a sexualidade masculina e feminina, conclui que:

Para o homem, desejo e amor se separam, como o pênis se separa imaginariamente do corpo – e muitas vezes ambos virão a opor-se, como o corpo se opõe à alma. A libido masculina se fragmenta e com ela, a percepção que o homem tem de seu corpo. E essa fragmentação vem também atingir, além da percepção de si mesmo, a quem ele tem dos outros e do mundo. E o resultado disso ... é uma sociedade fragmentada em classes, uma cultura explodida em categorias, em especializações, em artes, ciências, religiões etc. Tudo passa a se fragmentar ao infinito no correr dos séculos, pois o mundo em que vivemos é um mundo patriarcal e, portanto, a projeção do desejo do homem, o sexo dominante, o corpo dominante. A mulher não faz uma ruptura tão forte quanto o homem entre o corpo e mente, entre razão e emoção, entre desejo sexual e afeto. Por isso também sua libido se divide muito menos que a do homem. Segundo Freud, ela teria menos tendência que o homem a sublimar, a generalizar, a criar artisticamente ou a se dedicar a abstrações ou à técnica (p. 38ss).

Na verdade, as falas acima chamam atenção para que a escola encontre o seu lugar dentro de situações que têm uma grande repercussão na vida cotidiana dos seus alunos, situação que retoma o ponto de vista de que a questão da sexualidade referenda não somente a parte descritiva de resgatar conceitos sobre a anatomia do corpo humano, como ocorre impensadamente por parte de alguns professores. Todavia, deve se ater a circunstâncias de origem social, política, cultural, entre outras, como está a questão da discriminação da mulher perante a sociedade machista que se apresenta, uma vez que discussões nesse nível aferem ao modelo de educação que a sociedade recebe, ou seja, a partir de valores repassados pelos laços ideológicos da família.

Aliás, como um assunto puxa o outro, a questão não pode ficar no mar de esquecimento a forma como a sociedade molda o homem, conforme explicita MURARO (2001):

O homem teme a proximidade com medo da perda de si mesmo. Desde que nasce é educado para ser autônomo, para ser o dono de si mesmo, e lhe é inculcado que o caminho do sucesso é o autocontrole, a auto-suficiência, o amor às dificuldades e a força de não precisar de ninguém. Por isso mesmo, a auto-suficiência do homem tradicionalmente requer a mulher como sua propriedade. E com isso o homem nega qualquer profundidade na relação com os outros. O homem heróico é aquele que vive isolado, que não precisa de ninguém, aquele que é capaz de viver errante em busca de aventuras (p. 59ss).

Conforme o detalhamento que faz a autora, se a escola se descuida da sua prática, as possibilidades de mudanças tornar-se-ão mais escassas ainda, visto que no discurso de que há a necessidade de uma educação para o pleno exercício da vida, não dá margem para que uns sejam mais vistos que outros, ou seja, o dualismo entre homem e mulher.

Em coerência com o quadro em análise está o questionamento de BEAUVOIR (s/d), sob o ponto de vista que:

O mundo sempre pertenceu aos machos. Nenhuma das razões que nos propuseram para explicá-lo nos pareceu suficiente. É revendo à luz da filosofia existencial os dados da pré-história e da etnografia que poderemos compreender como a hierarquia dos sexos se estabeleceu. (...) Quando duas categorias humanas se acham em presença, cada uma delas quer impor a outra sua soberania; quando ambas estão em estado de sustentar a reivindicação, cria-se entre elas, seja na hostilidade, seja na amizade, sempre na tensão, uma relação de reciprocidade. Se uma das duas é privilegiada, ela domina a outra e tudo faz para mantê-la na opressão. Compreende-se, pois que o homem tenha tido vontade de dominar a mulher. Mas que privilégio lhe permitiu satisfazer essa vontade? (p. 81).

Ainda é coerente o ponto de vista de que a escola, constantemente se depara com situações nas quais nem sempre intervém. Sejam elas aquelas que incidem no cotidiano da sala de aula, seja por meio de proibições ou permissão de certas manifestações e não outras, ou mesmo quando opta por informar os pais sobre manifestações estranhas do filho.

Enfim, é conveniente a sustentação de que a escola está sempre transmitindo certos valores, que se dividem em mais ou menos rígidos, o que, em outras palavras, favorece na leitura de que se trata de um certo capital cultural que, na maioria das vezes, é o da classe dominante. Entretanto, esse grau de variação vai depender do nível de aperfeiçoamento do meio profissional envolvido no seu corpo funcional.

A partir das discussões e apreciações presentes, pairam no ar indagações que incitam a: O que fazer? Como fazer? Por que fazer? Quando fazer?

Essas indagações reclamam a necessidade da escola estar mais equipada em conteúdos e procedimentos para encontrar-se à altura de desenvolver o tema.

Visão que configura um novo olhar sobre a atuação docente, porque,

A Orientação Sexual, diferentemente da educação sexual, é um processo formal e sistemático que deve ser feito através de um planejamento, e como outras atividades pedagógicas, deve ter objetivos, que podem ir desde mostrar informações corretas acerca de assuntos relacionados à sexualidade, até o conhecimento de maneiras de obtenção de uma sexualidade saudável e cheia de prazer (SILVA, 2003, p. 303).

Enquanto para SUPLICY (1999), trata-se de

Um processo formal e sistemático que se propõe a preencher as lacunas da informação, erradicar tabus e preconceitos e abrir a discussão sobre as emoções e valores que impedem o uso dos conhecimentos (p. 8).

O cenário que abre as comportas para tais indagações nasce da mensuração sobre a necessidade de trabalhar com essa temática em seus conteúdos formais. Todavia, a escola, infelizmente, tem buscado caminhos muito rasos para a orientação sexual. São conteúdos que incluem o aparelho reprodutivo, por exemplo, sob uma realidade distante e nada instigante à aluna do geralmente o fazem através da discussão sobre a reprodução humana, culminando por meio de informações ou noções relativas à anatomia e fisiologia do corpo humano.

A análise sobre essa questão demonstra grandes preocupações dentro da realidade local, quando as pesquisas apontam que, dentro de uma população de 120 alunos, destes, 67%, quando indagados sobre as possibilidades de abordagem na escola quanto a questão da sexualidade na juventude, afirmam que, raramente o assunto é colocado em pauta.

Para um observador atento, há de convir que uma abordagem nessa proporção dificilmente corresponde às ansiedades e curiosidades do alunado, uma vez que focaliza apenas o aspecto biológico, sem incluir as dimensões culturais, afetivas e sociais contidas nas expectativas dos receptadores, muito menos às necessidades que o corpo vivencia.

Não é necessário tanto estudo para se conceber o ponto de vista de que as curiosidades das crianças, adolescentes e jovens a respeito da sexualidade são questões muito significativas e que por isso não deve se delinear o ensino escolar pela exploração da subjetividade, visto que impera um desejo de saber. Assim, a busca de satisfação dessas curiosidades deve ser uma das molas propulsoras das iniciativas da orientação escolar, criando-se um ambiente acolhedor no qual aqueles que ali recorrem possam esclarecer suas dúvidas e prosseguir formulando novas questões, uma vez que o processo de ensino e aprendizagem evoca essa prática.

Uma das conclusões mais veementes sobre o papel da escola em face à questão da sexualidade, é que a mesma deve manejar uma visão integrada das experiências vividas pelos alunos, o que implica em desenvolver o prazer pelo conhecimento. Para tanto, é necessário que seja reconhecida a necessidade de desempenhar um papel importante na educação, ação que infere o ponto de vista de que uma vida sexual saudável implica nos objetivos que articulam a educação para a vida ou, em outras palavras, a sexualidade está ligada à vida, à saúde, ao prazer e ao bem-estar físico, psicológico, mental e social, parâmetros que integram as diversas dimensões do ser humano envolvidas nesse aspecto.

No bojo das análises organizadas, convém a reflexão quanto à ação de um trabalho sistemático de Orientação Sexual dentro da escola, o que implica na articulação, portanto, na área de promoção da saúde, questão que envolve crianças, adolescentes e jovens principalmente. No entanto, a existência de um trabalho dessa envergadura possibilita, impreterivelmente, a realização de ações preventivas às doenças sexualmente transmissíveis, em especial tratamento a AIDS(Síndrome da Imunodeficiência Adquirida), sob a exigência de uma atuação eficaz.

Sobre ações nesse objetivo, diversos estudos e críticas já demonstraram os insignificantes resultados alcançados por trabalhos esporádicos sobre a questão, quando inúmeras pesquisas concluem que um trabalho dentro das necessidades e expectativas criadas em torno da orientação sexual confirmam que apenas a informação não é suficiente para possibilitar a adoção de comportamentos preventivos. Tomada prática que implica na melhoria e reflexão sobre a prática pedagógica a ser adotada ao ministrar os conteúdos diretamente envolvidos na temática, requerendo procedimentos metodológicos que possam melhor explicitar o assunto.

Quando a discussão caminha para o alcance dos resultados a serem contemplados, é importante reconhecer, portanto, que as intervenções mais eficazes na prevenção das DSTs/AIDS, são as ações educativas continuadas, dado que esse perfil de trabalho tende a oferecer mais possibilidades de elaboração das informações recebidas, contribuindo para que a discussão dos obstáculos tanto em nível emocional como cultural que impedem a adoção de condutas preventivas não tenham êxito.

Para explicar tal conclusão, é necessário compreender que o tempo de permanência dos alunos na escola, diante das expectativas mensuradas no campo das extensas discussões que a temática requer, para abrir o leque das oportunidades de trocas, convívio social e relacionamentos amorosos, muito vai exigir da metodologia adotada, situação que não deve ser vista como um campo de impicativo para que a escola venha se omitir frente à relevância dessas questões, visto que, perante os discursos sociais a escola se constitui um local privilegiado para a abordagem da prevenção às doenças sexualmente transmissíveis/AIDS, bem como quaisquer outros níveis de assuntos inerentes à orientação sexual.

Dentro dessa discussão, também não poderia ficar alheia a questão de que o campo da orientação sexual constitui intrínseca atuação sobre a prevenção de

problemas graves como o abuso sexual e a gravidez indesejada, visto que as discussões e informações corretas, nesse ínterim, devem estar aliadas ao trabalho de autoconhecimento e de reflexão sobre a própria sexualidade, de forma a ampliar a consciência dos jovens e adolescentes sobre os cuidados necessários para a prevenção desses problemas.

Outra questão de relevância, diz respeito à forma como a sociedade anula as pessoas que assumem uma relação que fuja aos padrões do heterossexualismo. Esse tema requer a atenção da escola e deve alcançar também a família, uma vez que é no ambiente familiar que o homossexualismo recebe um dos seus primeiros conflitos diante da opção abraçada.

2.4 A escola como agente mediador entre a família e a sociedade

As questões que aludem à necessidade de Orientação Sexual na escola, concebem o ponto de vista de que compete à escola a posse da abordagem consoantes aos diversos pontos de vista, valores e crenças existentes na sociedade, com vistas a auxiliar o aluno a encontrar um ponto de auto-referência através da reflexão, constituindo-se essa prática mais precisamente um processo formal e sistematizado que deve acontecer dentro da instituição escolar, sob a exigência de um perfil de planejamento que proponha uma intervenção por parte dos profissionais da educação.

Desta feita, o trabalho de Orientação Sexual na escola passa a ser entendido como uma forma voltada a problematizar, a levantar questionamentos e ampliar o leque de conhecimentos e de opções para que o aluno esteja amadurecido sexualmente, conforme suas escolhas e caminhos, fator que condiz com a inferência de que a escola deve abordar os diferentes tabus, preconceitos, crenças e atitudes existentes na sociedade, sendo relevante estarem isenta no tocante à tomada de opiniões que aferem questões irrelevantes e/ou resultem em abordagens imprecisas, por exemplo, posicionar-se desfavorável ou favoravelmente à preservação da virgindade antes do casamento, agir preconceituosamente à opção sexual.

Para tanto, ao fazer jus a tais temáticas, deve o educador atentar para o resgate dos aspectos e opiniões sobre o tema, bem como abrir discussão sobre seu significado para meninos e meninas, as suas implicações em diferentes culturas, a

sua conotação em diferentes momentos históricos, valendo ainda a análise sobre os valores atribuídos por distintos grupos sociais contemporâneos.

É importante focalizar ainda que a temática, ao ser explicitada na escola deva o educador posicionar-se, com o fim de esclarecer, que, no espaço doméstico, a mesma abordagem poderia percorrer outros caminhos, dado que o nível do debate, dependendo do ponto de vista estabelecido pelos pais, poderia suscitar expectativas e ansiedades, questões que se apresentam, muitas vezes, sob aspectos mais saudáveis quando discutidas em sala de aula.

Nesse pressuposto, a proposta de orientação sexual, para alcançar seus objetivos, deve oferecer pontes de abordagens sobre as repercussões de todas as mensagens transmitidas pela mídia, pela família e pela sociedade. Afinal, trata-se da menção de preencher as lacunas existentes nas informações que o aluno traz internalizadas, especialmente, quando se objetiva a criação de possibilidades de formar opinião a respeito do que lhe é ou foi apresentado. Para tanto, cabe à escola, a iniciativa de propiciar informações atualizadas, quando estas incluem o ponto de vista em caráter científico, de modo a explicitar os diversos valores associados à sexualidade, detalhando, nessa análise, as formas de comportamentos sexuais existentes na sociedade, possibilitando ao aluno o desenvolvimento de atitudes coerentes com os valores que ele próprio elegeu como seus.

Feitas essas leituras, o capítulo seguinte compreenderá a reflexão sobre os resultados da pesquisa de campo, quando as questões apresentadas ofertam dados favoráveis para que se conheça o pensar dos jovens sobre a sexualidade.

3 REFLETINDO A SEXUALIDADE DE JOVENS E ADOLESCENTES

Com o objetivo de conhecer o pensar e o fazer dos jovens e adolescentes, partiu-se em busca de uma pesquisa contendo questões que se relacionam diretamente com a sexualidade, e a partir do contexto descrito na pesquisa, tecer um olhar maduro sobre a temática em análise, uma vez que o papel social da educação tem intrínseca relação com o que ocorre na vida intra e extra-escolar daqueles que deste espaço social – a escola – participam.

Assim, a segunda parte deste trabalho está dedicada à análise sobre a realidade escolar, compreendendo a reflexão crítico-apreciativa sobre os resultados de uma pesquisa de campo, totalizando 120 alunos entrevistados, dos quais pode-se discriminar em duas turmas de nível médio (67 alunos) e duas turmas de 8ª séries (53 alunos).

A partir dos dados levantados mediante a pesquisa, observa-se ser uma oportunidade muito bem-vinda do pesquisador construir nortes expressivos sobre a realidade pesquisada, ou seja, a análise dos dados da pesquisa propriamente dita. Os aspectos que favorecem tal contemplação versam, desde a clareza das perguntas elaboradas, à relevância das respostas traduzidas à luz das necessidades mais veementes de conhecer para traçar um perfil sobre os entrevistados.

Esse olhar sobre a pesquisa-ação evoca, sem sombra de dúvidas, uma retomada à proposta inicial dessa análise, cujo objetivo se delineia no cultivo de construir um prévio conhecimento sobre a população pesquisada, com o fim de construir a sexualidade a partir da realidade escolar.

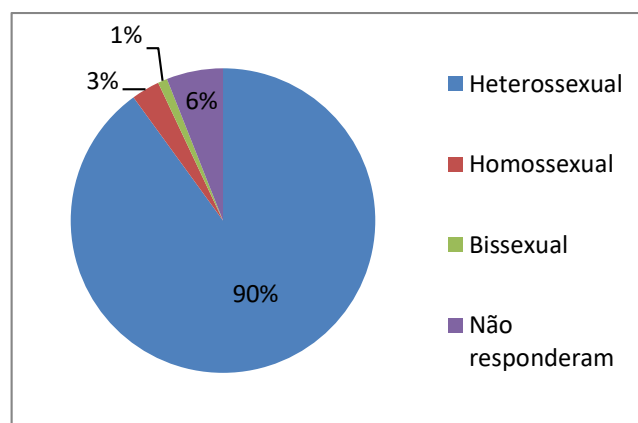
Alguns dados merecem destaque neste trabalho, sendo importante ressaltar que essa reflexão está inerente a uma pesquisa maior, a qual visa produzir resultados satisfatórios quanto aos estudos das diferenças de gênero, tendo como enfoque principal, saber o que pensam os jovens sobre sexualidade na conhecida região do Bico do Papagaio, valendo ressaltar ainda, que a clientela pesquisada nesta reflexão se concentra na cidade de Tocantinópolis – TO.

Nas turmas pesquisadas, participaram 51 alunos e 69 alunas, sendo realizadas ao todo 24 questões, quando a primeira e a segunda, visaram levantar dados quantitativos quanto ao sexo dos entrevistados bem como a localidade onde residia cada participante e já se encontram contempladas nos dados apresentados

neste parágrafo. Quanto às demais questões, analisar-se-á concomitantemente, reunindo os dois níveis médio e ensino fundamental, discriminando os resultados alcançados a partir dos gráficos a seguir.

Considerando a opção sexual dos entrevistados, uma pergunta relevante para o objetivo deste trabalho, o primeiro gráfico apresenta resultados a partir da seguinte pergunta: “Você se considera: heterossexual, homossexual ou bissexual?”

Gráfico 01 - Opção Sexual



De acordo com o gráfico acima, mesmo por se tratar de um questionário fechado, em que não houve necessidade de participante se identificar, questão muito bem ressaltada no início da entrevista, é curiosa a informação de que numa clientela de 120 pessoas 6% destas, o que equivale a um grupo de 7 integrantes não responderam quanto à sua opção sexual.

Esse dado, no entanto, é um referencial que, em face às constantes discussões abordadas no cenário escolar merece destaque no campo das reflexões sobre a opção sexual dos alunos, uma vez que a escola é teoricamente conhecida como um espaço em que deve se efetivar oportunidades de construção do conhecimento.

A partir de uma leitura muito coerente, (VITIELLO 1997) fala da sexualidade conotando - lhe uma leitura social, ao fazer uma sucinta alusão à opção sexual das pessoas, sustentando que:

Quanto aos aspectos sociais do exercício da sexualidade, o normal é... a prática heterossexual por casais (...). O que foge a essas normas é denominado de “desvio” (como a gerontofilia e a homossexualidade, por exemplo), “parafilia” (como o sadomasoquismo) ou até de “perversão” (a necrofilia, por exemplo), embora essa nomenclatura ainda não seja bem

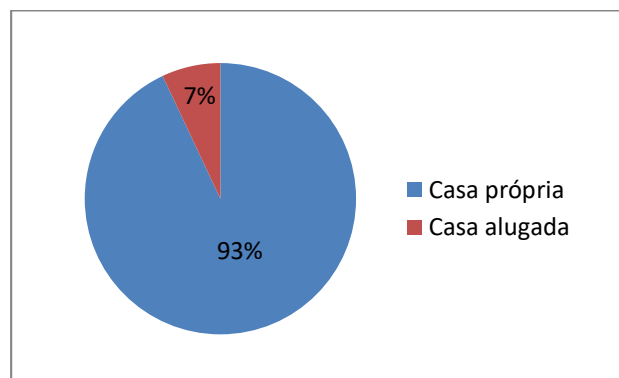
universalizada, havendo os que denominam de “desvio” o que outros chamam de “parafilia”, e vice-versa. É no componente psicológico do exercício da sexualidade, no entanto, que em nosso ver existem mais dificuldade em se conceituar o normal. Na verdade, para saber se nossa sexualidade está sendo normalmente exercida, deve-se responder a indagação sobre se é ela satisfatória. Estou contente com minha sexualidade? Exerço prazerosamente? Estou satisfeito com a frequência e com a maneira em que a exerço? Minha parceira (ou meu parceiro), por quem tenho afeto e a quem me é importante satisfazer, está feliz com esses parâmetros? A isso, a essa satisfação com o exercício da própria sexualidade, costuma-se denominar de “adequação sexual” (p. 47ss).

No centro das ações pertinentes a esse número alcançado não se trata do educador expor os dados equivalente àqueles que não responderam, por quê não responderam ou não souberam responder, todavia, construir situações, de certo modo, indiretas no sentido de avaliar o papel interventor do ensino diante dessa realidade, contribuindo então, para a formação de uma compreensão satisfatória sobre a vida sexual, uma vez que o sexo está presente em toda a desenvoltura humana, conforme faz VITIELLO (1997), em sua descrição de que,

A sexualidade, entendida a partir de um enfoque amplo e abrangente, manifesta-se em todas as fases da vida de um ser humano e, ao contrário da conceituação vulgar, tem no coito (genitalidade) apenas um de seus aspectos, talvez nem mesmo o mais importante. Dentro de um contexto mais amplo, pode-se considerar que a influência da sexualidade permeia todas as manifestações humanas, do nascimento à morte (p. 16).

Outro aspecto que deve estar presente numa pesquisa nesse nível, por mais que para alguns não apresente relevância, é a busca inquietante quanto ao levantamento de respostas que levem ao conhecimento sobre o nível de vida da população entrevistada. Nesse pressuposto, a questão que trata sobre o “Tipo de moradia” gerou o seguinte gráfico:

Gráfico 02 - Residência



A análise sobre essa questão revela para Tocantinópolis, que, em termo de habitação, há um investimento consideravelmente bom, onde a comunidade usufrui os benefícios de programas de nível habitacional, sendo favorável a leitura de que 93% dos entrevistados, percentual que equivale a um grupo de 112 pessoas, possuem residência própria. Sabe-se, todavia que as casas não dispõem de rede de esgoto, não há tratamento do lixo caseiro, exceto a queimada entre outros.

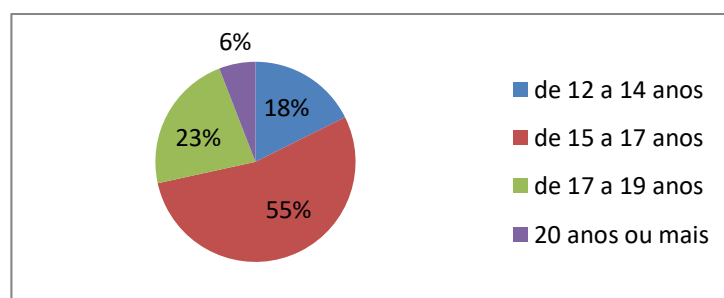
O fator “Idade” exerce um grande peso quando o assunto aborda sobre a sexualidade. Muitas vezes, a escola esquiva-se de tratar a sexualidade, “aguardando” um “tempo oportuno” para construir discussões acerca dessa temática. Tal concepção favorece o posicionamento de que o sexo está presente em todos os momentos da vida humana e para o trabalho escolar então, deveria ser uma prática constantemente cultivada desde a educação infantil aos demais ciclos da vida acadêmica.

A crítica formalizada por SOUZA (1997), sobre a rasa atuação da escola quanto aos procedimentos que vem adotando no tocante à educação sexual valida essa discussão:

(...) A informação sobre o sexo destinado à criança, por meio dos manuais de educação sexual, se apóia na fisiologia do aparelho genital, de forma tal que qualquer criança percebe que um livro educativo explica tudo, menos (felizmente) o prazer (ou a angústia) do exercício da sexualidade (p. 20).

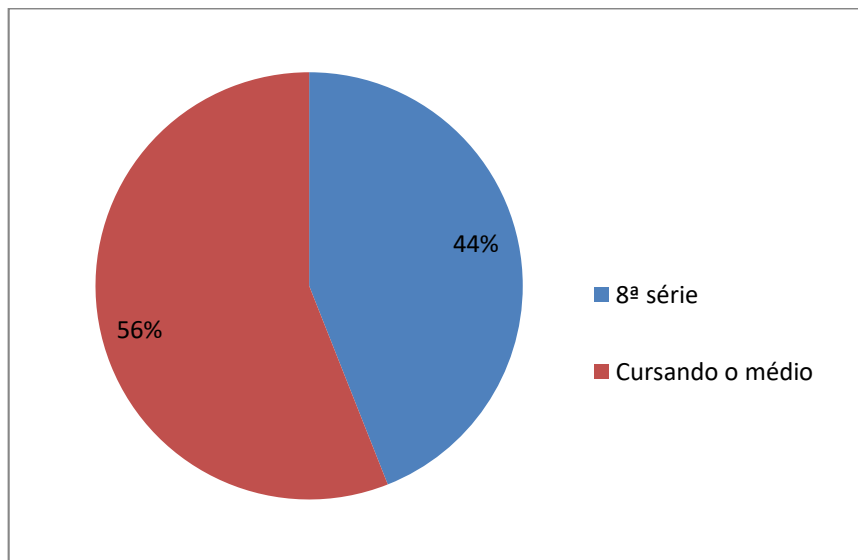
Assim, considerando que nas séries finais do ensino fundamental e em todo o ciclo compreendido no nível médio, falar sobre sexo é muito bem-vindo, uma vez, que quando o assunto é cogitado na escola, para muitos dos alunos, devido ao não tratamento do tema na família, a escola se constrói um importante espaço para o amadurecimento sobre o assunto, ressaltando ainda, que essa prática deve ser levada a sério desde o início da educação infantil.

Gráfico 03 - Quanto à faixa-etária dos entrevistados, organiza-se



Desse modo, podemos verificar que a distorção idade/série, como se poderia esperar quanto à “Escolaridade” da população entrevistada, as turmas da escola A e da escola B estão em idade compatível com a série que frequentam.

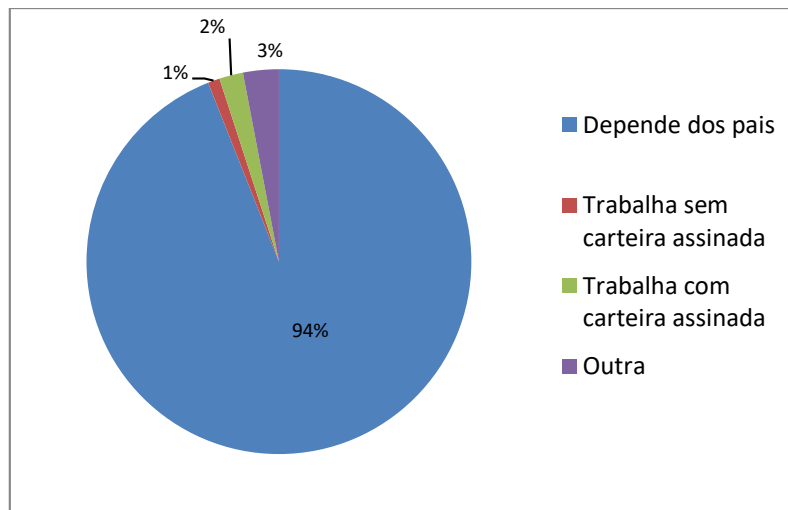
Gráfico 04 – Escolaridade



3.1 Trabalho e educação

Como a região não oferece muitas oportunidades de trabalho a “Situação produtiva”, quando se trata de falar sobre sexo, é um elemento de essencial eficácia a ser associado, dado que a prática sexual não deve estar aliada apenas ao sentimento de prazer, mas de agir com responsabilidade diante de si enquanto pessoa, bem como do parceiro escolhido/acolhido.

Nesse sentido, tecer uma abordagem no tocante à situação produtiva da população analisada, significa levar em consideração que a prática sexual não resulta apenas da busca do prazer, mas de uma forma de fazê-la com responsabilidade, sem se desvirtuar de possíveis entraves como a de uma gravidez indesejada.

Gráfico 05 – Trabalho

Conforme os dados apresentados acima, ao considerar que 94% da clientela analisada depende dos pais, as três questões que seguem abaixo: “Gostaria de ter filhos?” “Motivos para ter filhos” e “Motivos para não ter filhos”, fornecem, com certeza, margem para se pensar na responsabilidade que se deve arcar diante da procriação, mesmo porque, diante das alternativas apresentadas, o participante tem a oportunidade de refletir sobre os motivos que viabilizam ou não à concepção de uma nova vida. Eis os resultados alcançados:

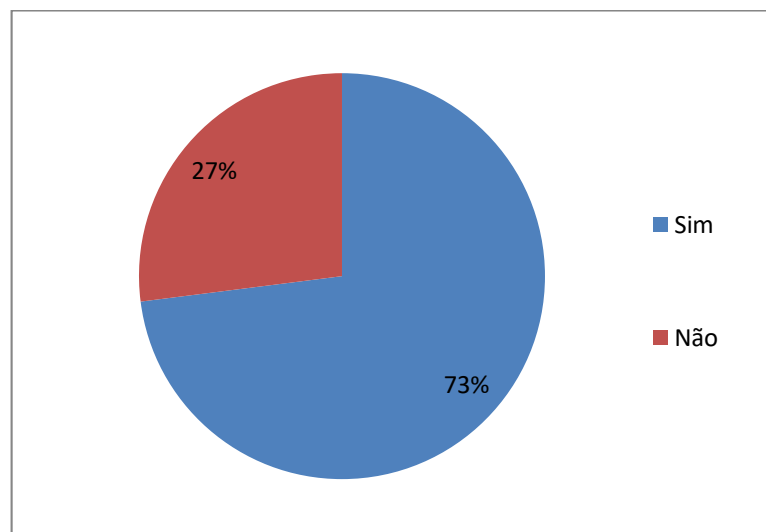
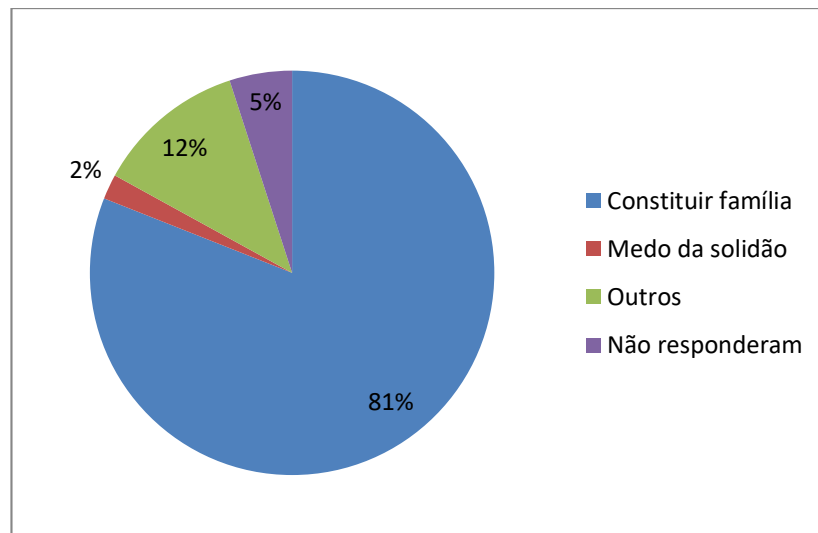
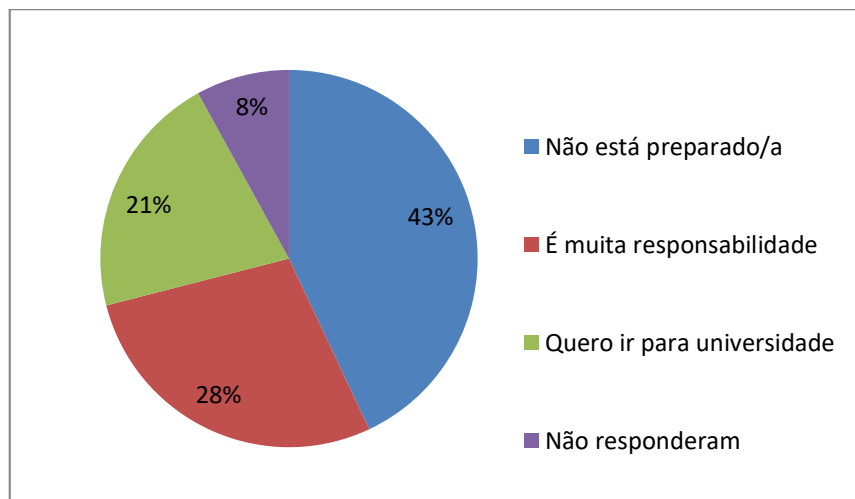
Gráfico 06 - Gostaria de ter filhos?

Gráfico 07 - Motivos para ter filhos**Gráfico 08 - Motivos para não ter filhos**

Com base no teor das perguntas que geram os três gráficos acima, percebe-se uma contradição entre a perspectiva econômica dos 94% dos entrevistados que afirmam depender exclusivamente dos pais, em relação aos 73% dos que gostariam de ter filhos, quando os motivos que justificam a procriação é a constituição familiar, representada por 81%.

O fator “Idade dos pais” serviu como referencial para que se pudesse absorver noções importantes sobre a idade que poderia ser considerada apropriada para a constituição familiar. Assim, tomando como base que a clientela pesquisada compreendeu grupos de 12 a 20 anos, dos quais a maioria se concentrou em torno

de 15 a 17 anos, gerando a equivalência de 55%, foi mínima a população de 2% de pais com idade entre 25 e 30 anos, sendo esse dado relativamente unânime para homens e mulheres, conforme demonstram os gráficos a seguir:

Gráfico 09 - Idade do pai

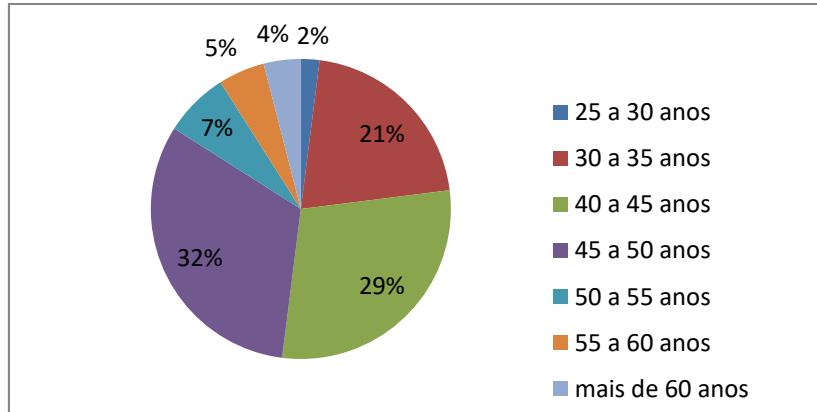
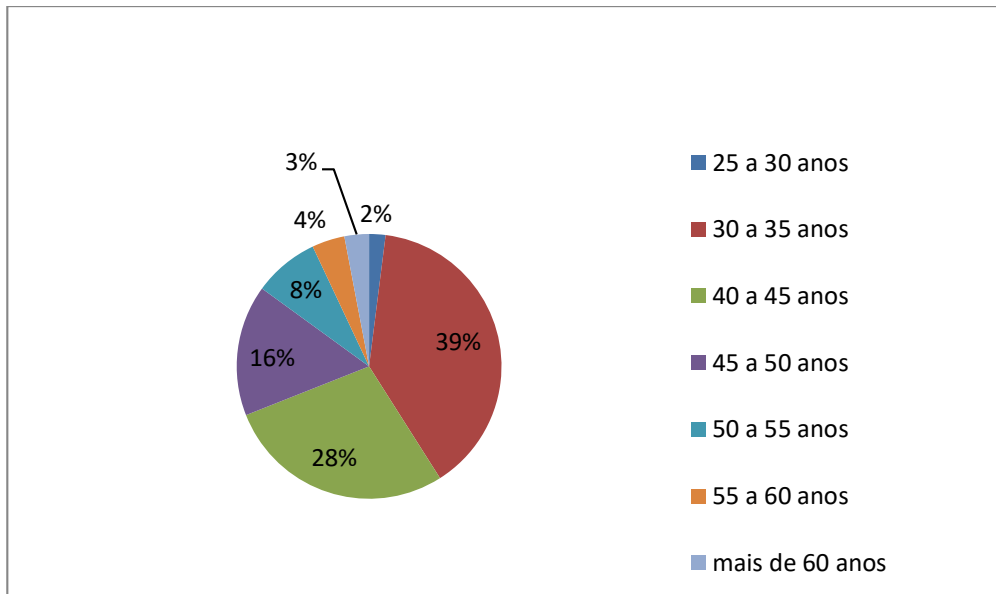


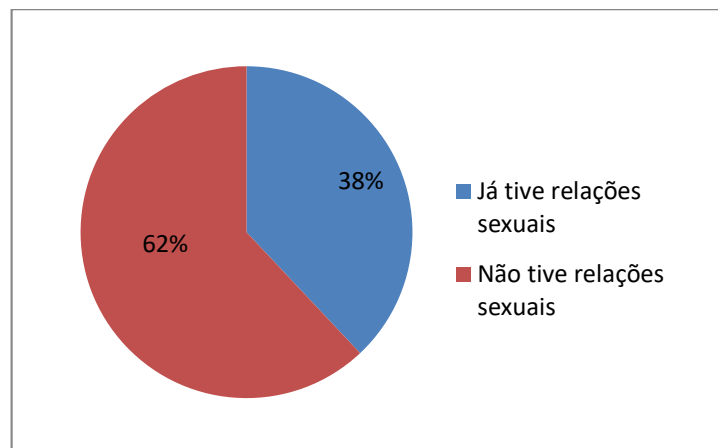
Gráfico 10 - Idade da mãe



Conforme os percentuais contemplados nos dois gráficos supramencionados, trata-se de uma população bastante jovem, ressaltando que a maioria compreende a faixa dos 30 a 45 anos de idade, com uma faixa economicamente ativa, porém, a oferta de emprego é escassa.

A questão que alude “Sobre a experiência sexual” tem fundamental relevância para este trabalho. Não se trata apenas de conhecer dados de quem já teve ou não uma relação sexual, cuja estimativa, se tratada sob uma visão conservadora, acabada e distorcida, seria alarmante considerar que entre uma população de 120 jovens e adolescentes, 46 destes declararam que já tiveram contato com atividades sexuais, especialmente por se tratar de pessoas solteiras (116) dos entrevistados. Sobretudo, se considerarmos os resultados ofertados nos gráficos 11, 12 e 13.

Gráfico 11 – Experiência Sexual



É muito importante, numa pesquisa dessa envergadura, conhecer o grau de envolvimento na primeira relação sexual, daí a questão apresentada: “O/a parceiro/a na relação foi: namorado/a, amigo/a?”.

Sobre isso alerta VITIELLO (1997) que,

Foi-se o tempo em que a iniciação sexual do rapaz era feita frequentemente com prostitutas, e a moça predominantemente com o marido, ou no máximo, com o noivo. A prostituição hoje – principalmente após o advento do temor à AIDS – é uma instituição reservada a adultos solitários ou, menos frequentemente, a pessoas que buscam o insólito e o incomum. Na maioria das vezes a iniciação sexual de adolescentes tem sido feita aos pares, ocasionalmente até poucos dias após o início do namoro (p. 41).

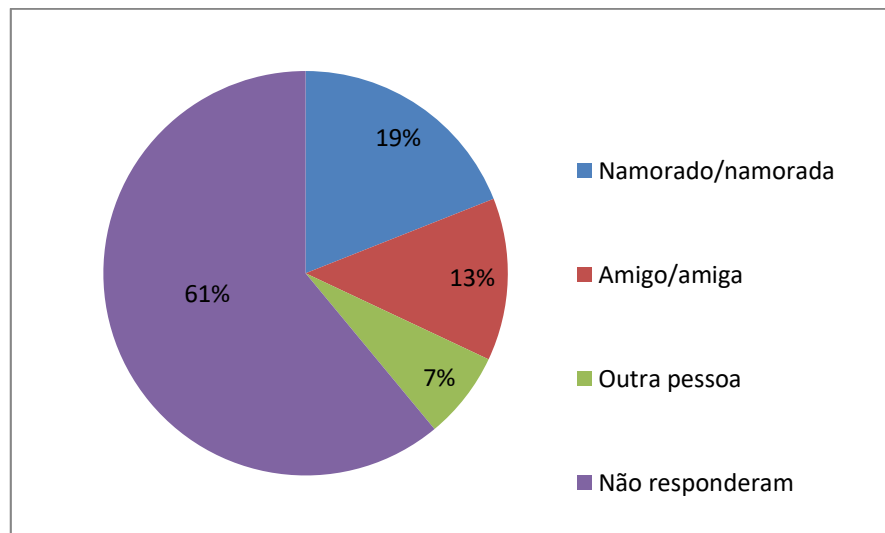
Outro importante olhar que faz o autor adiante, é o ciclo de significado traduzidos no pensar e agir de um rapaz e de uma moça quando levados à iniciação sexual, frisando que,

O coito, tem sentidos diferentes para rapazes e moças (...). Para os rapazes, é sinônimo de ereção. (...) É uma forma de auto-afirmação de masculinidade, uma indiscutível prova de já ser homem. (...) No caso das

moças, ... auto-afirma... a capacidade de sedução, de atrair um homem a ponto de fazê-lo desejar ter relações com ela (p. 42).

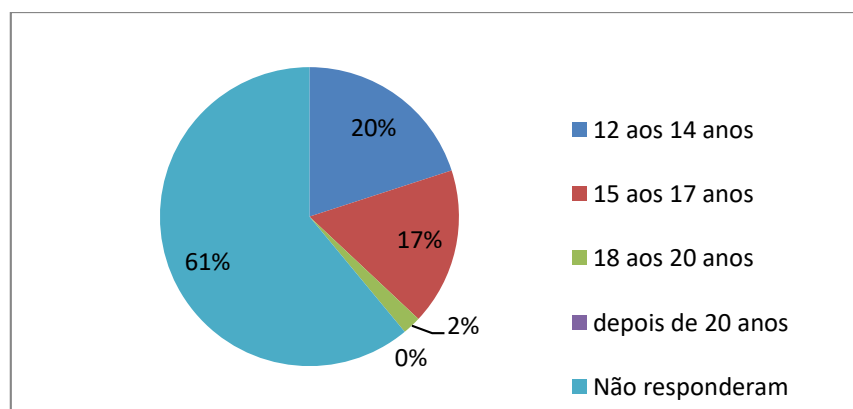
E assim, em face às respostas apresentadas, é gerado o gráfico:

Gráfico 12 – Iniciação sexual



A questão “Idade da primeira transa”, convida o pesquisador a criar leituras paralelas à realidade pesquisada, levando em consideração aquilo que diz respeito aos preceitos culturais, aos ideários de formação familiar, religiosa, às pessoas com quem se convive. Pois nestes grupos de convívio, é que são criadas as concepções da vida, concepções nas quais a sexualidade ou melhor, a liberdade sexual ou uma não liberdade sexual se constroem.

Gráfico 13 – Iniciação sexual



Sobre isso, define LOURENCINI JÚNIOR (1997) que,

(...) O encontro sexual é, antes de tudo, a liberdade de renovação da sedução. É o “livre-arbítrio” revelando o que é a sexualidade e esta tornando-se uma dimensão da liberdade humana, liberdade que revela as possibilidades de ressignificação da própria sexualidade (p. 92).

Mas tratar sobre assuntos inerentes à sexualidade, tem sido uma oportunidade muito explorada, especialmente no ciclo da mídia, em que há debates e discussões por meio de programas de TV (de auditório, telenovelas e reportagens específicas), também as revistas voltadas para a faixa-etária adolescente tratam o assunto com a maior naturalidade. Mas, diante das oportunidades que surgem no campo da mídia, questiona-se: Até que ponto suas discussões são saudáveis? Até que ponto podem ser válidas tais discussões? Quais os resultados dessa interferência? Sobre isso, frisa VITIELLO (1997), que,

Os meios de comunicação – em especial a televisão – também se constituem em importante fator modificador da sociedade. Nunca antes em sua história a humanidade havia se defrontado com tão poderoso veículo de comunicação, que atinge sua máxima eficácia com a vulgarização a nível planetário da televisão, com a tecnologia dos satélites geo-estacionários. Pode-se hoje, em qualquer local do mundo, receber em casa (ou até mesmo na cama) imagens de fatos que estão ocorrendo ou que ocorrem a poucos minutos, no outro lado do mundo (p. 30).

Outro importante enfoque que esse autor levanta, está na crítica de relacionar a influência dos mecanismos de comunicação com a prática sexual desenfreada, ao sustentar, segundo resultados seguros de suas pesquisas que,

A gestação indesejada entre adolescentes, no entanto, sempre existiu; nunca, porém com a frequência hoje observada. Compilando-se as estatísticas mundiais, pode-se facilmente constatar que sua incidência passou a ocupar um lugar de relevância a partir da década de 60, concomitante, portanto com o movimento denominado “Revolução Sexual”. (...) Nessa ânsia por novidades, houve a tentativa de inovar também em termos de moral, em especial a sexual. Se antes se vivia o que se convencionou chamar de “tabu da virgindade”, passou-se para o extremo oposto, sendo considerado, senão doentio, ao menos anormal que uma jovem case-se sem experiência sexual prévia. Os meios de comunicação que passaram a usar e abusar da sensualidade como técnica de “marketing”, contribuiu muito para isso. Para vender mais, desde cigarros até automóveis, tornou-se imprescindível o apelo à sensualidade e à sexualidade (Id, p. 68, 69).

No entanto, é preciso que o educador veja e aja sobre tais questões na maior naturalidade possível, longe de um olhar condenador ou incentivador, mas a partir de uma ação voltada para o que os objetivos educacionais desenham para o comportamento humano, ou seja, para a formação do cidadão apto a discernir perante as mais diversas questões de uma vida pessoal, mental e intelectualmente sadia.

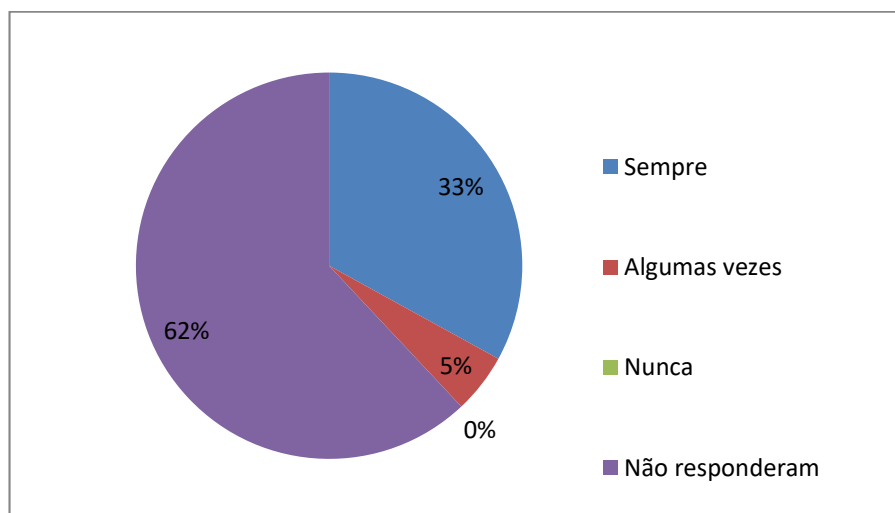
Quanto ao “Uso de preservativo” durante o ato sexual, seria indispensável recorrer a essa questão, dado que em grande parte das relações ainda predomina o ponto de vista de que, ser contraído por doenças venéreas é coisa bem distante e com poucos riscos.

Levando em consideração os dados apresentados no gráfico abaixo, apesar de ser bastante inferior (5%) o número dos que somente algumas vezes utilizam preservativos, um dado chama atenção, quando 62% dos entrevistados esquivam-se na resposta à questão apresentada.

Na verdade, é comum numa relação a dois, um dos parceiros se recusar ao uso de preservativo, mas a decisão sábia quanto ao uso ou não vai depender do nível de formação do (s) parceiro(s), visto que usar preservativo não implica apenas em prevenir-se de uma gravidez precoce, mas, como sustentam as orientações dos profissionais da saúde, é a medida mais eficaz contra as Doenças Sexualmente Transmissíveis – DST.

É importante ressaltar que, conforme demonstra o gráfico abaixo, apenas 1/3 fazem uso com freqüência de um meio contraceptivo. Mesmo que para a população compreendida entre os 62% dos que não responderam, possa ser considerado o grupo dos que nunca tiveram relação sexual, é preocupante o índice dos 5% que, algumas vezes usam preservativo, mesmo porque, ao considerar que não aparece registro de alguém casado na pesquisa.

Gráfico 14 – Uso de preservativo



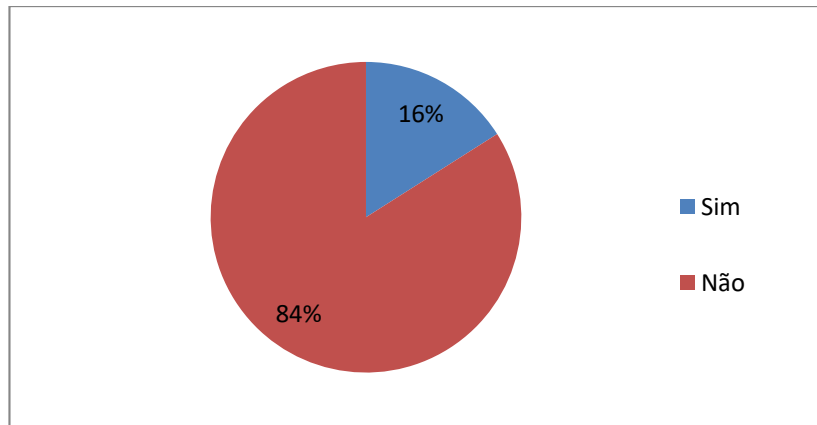
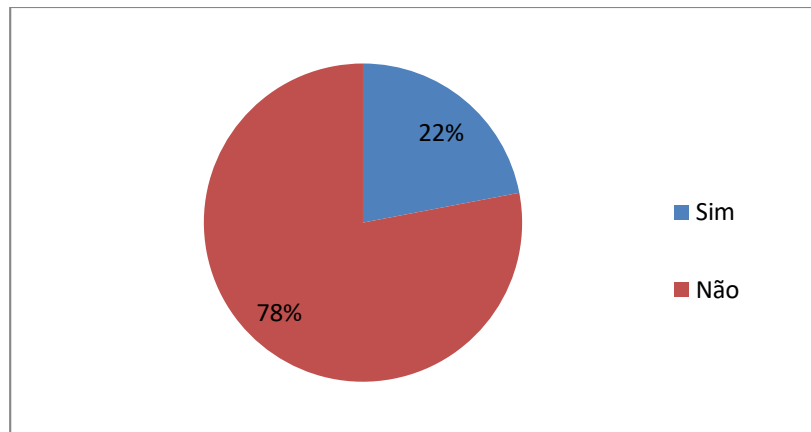
A alusão que a pesquisa faz quanto à gravidez precoce, ao dirigir a pergunta: “Na sua família alguma adolescente já ficou grávida antes dos 15 anos?”, é muito bem-vinda. Porque, é no convívio familiar propriamente dito que o indivíduo absorve as primeiras noções acerca da constituição dos vínculos familiares.

3.2 Adolescência e gravidez

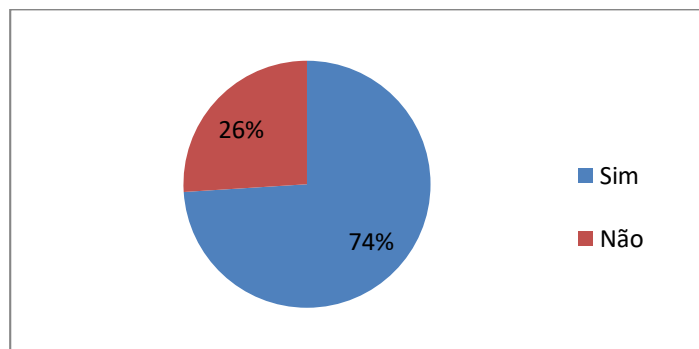
Comumente se nota que os casos de gravidez precoce têm intrínseca relação com o histórico familiar ou, em outras palavras, se os pais de uma adolescente vêem com naturalidade que a idade para procriar depende das condições físicas do organismo, não julgando necessário a prevenção (tanto no sentido de informar os filhos sobre os riscos de uma gravidez indesejada, como no sentido de se abster das práticas sexuais inadequadas, ou seja, sem o uso de preservativo, por exemplo), as condições financeiras e até mesmo físicas e psíquicas para o enfrentamento de um processo de gravidez, não dará menor importância para os riscos de uma gravidez precoce.

Outro fator de fundamental importância, por se tratar de uma reflexão sobre o histórico familiar de uma adolescente, dá-se à existência de casos de gravidez precoce na própria família, criando um ânimo que conceber uma nova vida nessa fase passa a ser algo dado como natural, perpetuando noções de que se assim ocorreu com parentes próximos e mais especificamente com a mãe, natural será acontecer consigo. Daí, há sustentabilidade no ponto de vista de que “a gestação indesejada na adolescência não tem uma única solução satisfatória, elegendo-se para cada caso a “solução *menos má*”. Assim, aqui como em qualquer outro item que se relacione com a saúde, a prevenção é o melhor remédio” (VITIELLO, 1997, p. 51).

De acordo com os dados atribuídos pela população entrevistada, são gerados os seguintes gráficos, a partir da pergunta: “Na sua família, alguma adolescente já ficou grávida antes dos 15 anos?”.

Gráfico 15 – Gravidez até 15 anos**Gráfico 16 - Gravidez entre 15 aos 17 anos?**

Ao retomar à questão sobre a gravidez precoce, pergunta-se: “Conhece alguma amiga com mais de 17 anos que está grávida?”

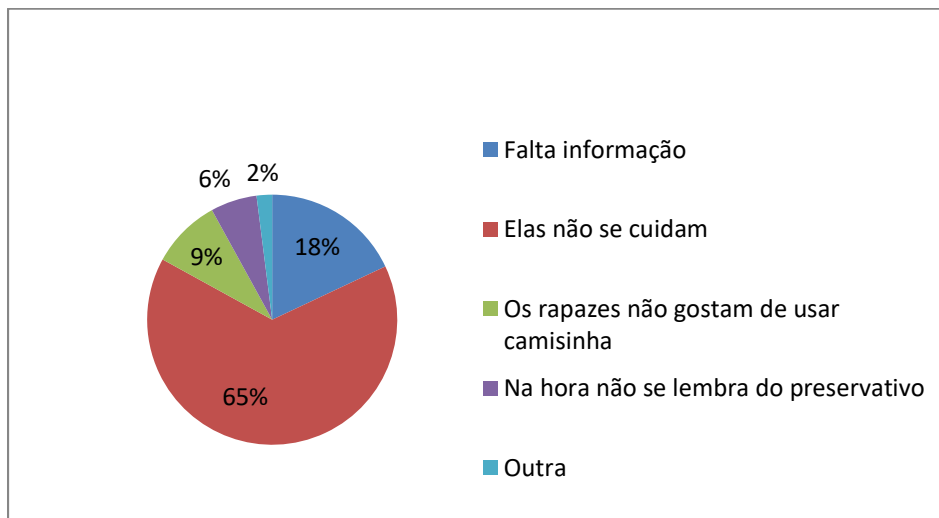
Gráfico 17 - Gravidez com mais de 17 anos

Na busca de colher um posicionamento sobre os reais condicionantes que possibilitam o processo de uma gravidez precoce, perguntou-se: “No seu entendimento, porque as meninas ficam grávidas cedo?”.

Essa questão é muito bem ressaltada no entendimento de TRINDADE & BRUNS, (2003), ao afirmar que

É necessário pensar nas conseqüências de uma gravidez não planejada num momento em que se espera a formação, o preparo do jovem para ingressar no mundo adulto. Urge pensar também nas crianças, frutos da inconseqüência dos jovens, que, na maioria das vezes, são criadas pelos avós, quando estes aceitam os netos, ou são abandonadas por não serem desejadas, em razão, muitas vezes, da falta de condições econômicas para sua criação (p. 1’8).

Gráfico 18 - Gravidez precoce

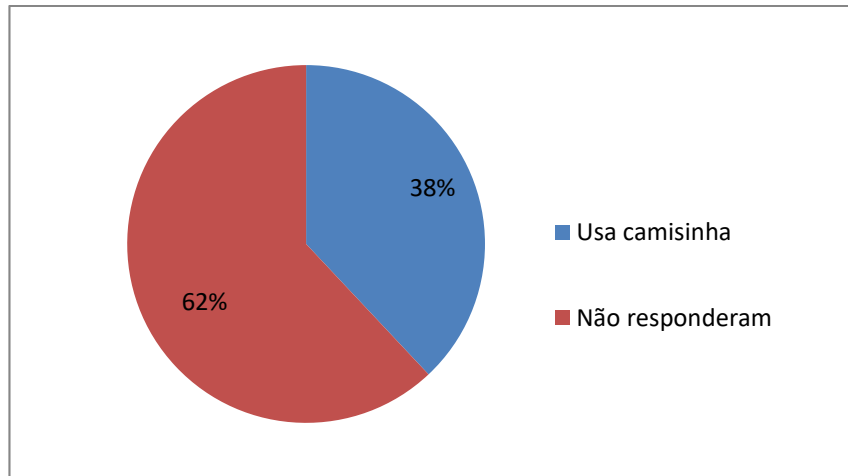


Como se deve considerar a realidade da clientela analisada e dela inferir posicionamentos adequados à tabulação organizada, é importante ressaltar que em Tocantinópolis há muitos casos de gravidez precoce, tornando-se uma preocupação que alcança não apenas as famílias e os profissionais da saúde, mas também tornando-se assunto de discussão nas escolas, associações de bairro e demais entidades.

Quanto aos “Métodos para evitar gravidez” o mais cotado foi o uso da camisinha. Como já foi ressaltado anteriormente, a camisinha se sobressai como o método capaz de evitar não somente a gravidez, mas as DSTs.

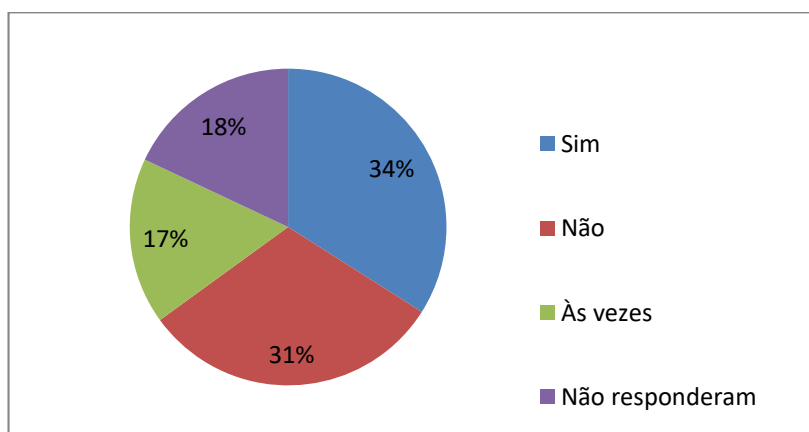
Mas os resultados apresentados: 38% contra 62%, não gera muito motivo de preocupação, uma vez que no grupo dos que não responderam, refere-se a esses 62%, os quais se declaram não ter tido relação sexual.

Gráfico 19 - Uso de camisinha



Quando o assunto parte para a abertura de conversa sobre AIDS/DST, ao lançar a pergunta se há “Conversa com seu/sua parceira/namorado/a sobre AIDS/DST?”, é preocupante a proximidade entre o número dos que responderam sim (34%) contra os que responderam não (31%) e a terceira alternativa (17%) que, por sua vez, corresponde a 50% da primeira alternativa, também gera certa preocupação, impulsionando a criação de medidas e ações que possam dar um novo olhar sobre a situação.

Gráfico 20 - Conversa sobre AIDS/HST



Sobre medidas nesse sentido, informa VITIELLO (1997), que:

Sem dúvida, o surgir da AIDS e o melhor conhecimento das possibilidades de dano a saúde por outras doenças sexualmente transmissíveis, como o vírus do HIV, trouxeram para ambos os sexos uma nova consciência sobre as conseqüências do exercício da sexualidade. Ainda que por vezes superestimadas e usadas como fator de repressão por estruturas sociais mais conservadoras, essas doenças sem dúvida levaram, pelo próprio risco a elas inerente, à possibilidade de discussão mais aberta sobre sexo. Mesmo levando a exageros de interpretação, passando o sexo a ter uma conotação de risco de morte, essas doenças trouxeram como conseqüência o incremento do estudo mais aprofundado das condições de exercício da sexualidade, carreando verbas antes impensáveis para o planejamento da educação sexual e para a difusão de conhecimentos. O exercício da sexualidade para a maioria das pessoas foi sem sombra de dúvida afetado, sendo hoje comum o temor à promiscuidade sexual e à prática inconseqüente do sexo (p. 21).

Todavia, concebe-se que o papel da escola, ao exercer programas na área de educação sexual não deve ser uma prática associada à “conotação de *pecado*” ou “*sujeira*”.

Dentro da discussão sobre sexualidade, a homossexualidade também foi uma das questões da pesquisa. E como o tema gera um certo desconforto, porque, geralmente, a sexualidade é concebida com o objetivo da reprodução da espécie, “a homossexualidade, ... tem sido considerada como um vício, um hábito perverso de pessoas de muito baixa qualificação moral e até mesmo como uma doença ou como um crime (VITIELLO, 1997, p. 44).

A pergunta “Você tem algum/a amigo/a homossexual?” gerou respostas generalizadas, conforme descreve o gráfico a seguir:

Gráfico 21 - Amigo Homossexual

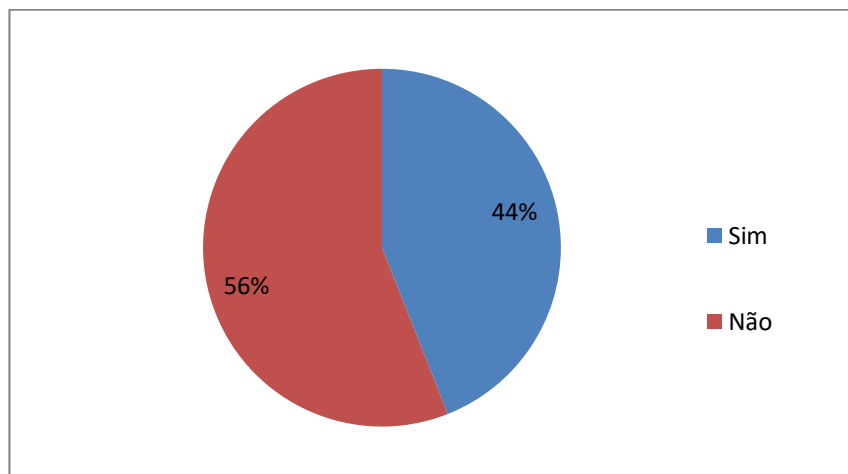
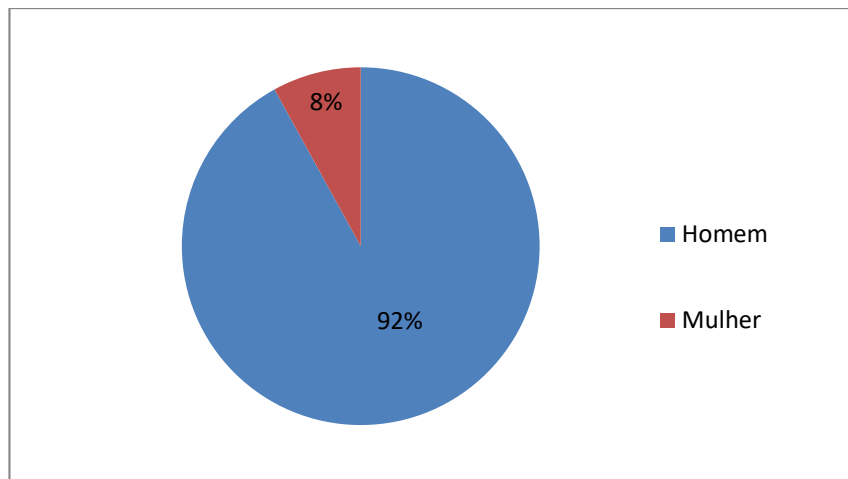


Gráfico 22 - Sexo do amigo Homossexual

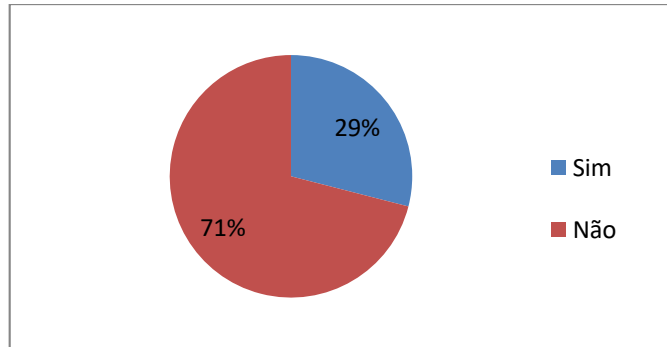
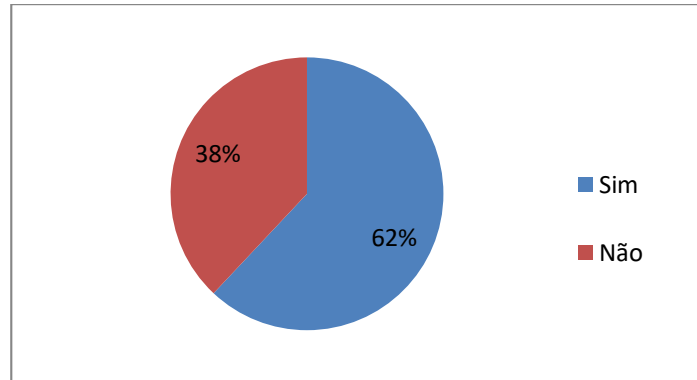


Bem se sabe que, boa parte das famílias apresenta uma certa resistência em conversar sobre sexo. Assim, é oportuno o questionamento se “Já conversou com seus pais sobre gravidez e sexualidade?”, e para ser mais expresso, os participantes ainda são convidados a definirem o grau de abertura que usufruem numa provável conversa, tendo a oportunidade de discriminar a participação ou não desse assunto com o pai e/ou a mãe.

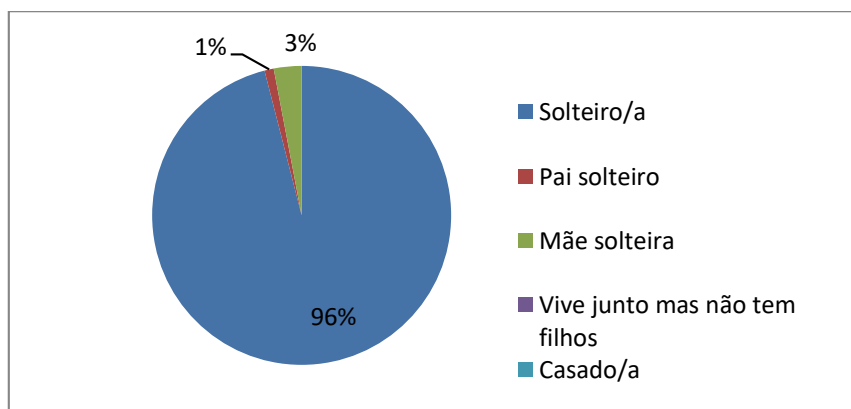
É importante frisar aqui, o papel decisório que exerce (ou deveria exercer) a família e a escola na formação de uma mentalidade para o exercício sexual, conforme descreve MEIRELLES (1997) de que,

A família como sistema humano é composta por pessoas que possuem potenciais e possibilidades à espera de realização. São dotados de talentos e dons, em permanente estado de manifestação. Criam a própria vida com base em crenças que são produto da síntese da redefinição do passado com a antevisão consciente e inconsciente do futuro. Somos todos responsáveis por nossa vida e capazes de modificá-la quando quisermos. Perante a criatividade somos todos iguais: empreendemos, divergimos, inventamos, experimentamos, criamos, administramos, modificamos, aperfeiçoamos, lideramos, inovamos, compartilhamos, trocamos semelhanças e diferenças (p. 84ss).

Uma retomada à pesquisa busca revelar que os laços de aproximação dos filhos com a mãe sobre sexualidade é bem maior que com a figura paterna. Esses números, por sua vez, ao serem analisados em relação ao número de entrevistados do sexo masculino (51 alunos) para o número de 69 alunas entrevistadas, é relativamente próximo, dando margem que prevalece um maior número de confiança na figura materna quando se trata de discutir a sexualidade.

Gráfico 23 – falar sobre sexo com o pai**Gráfico 24 - falar sobre sexo com a mãe**

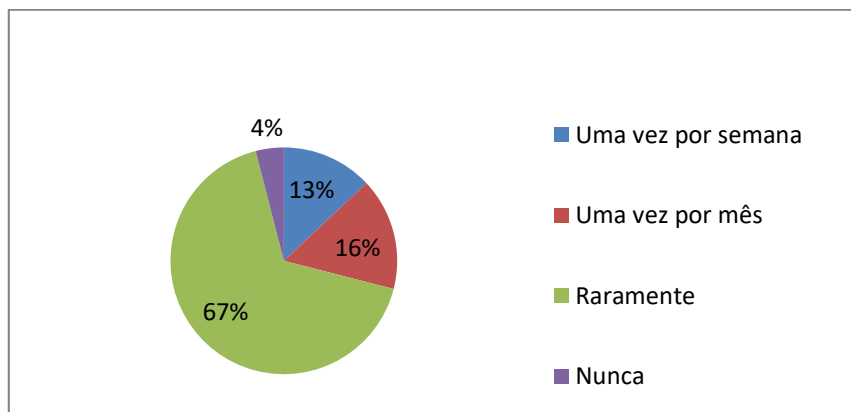
Dentre a população entrevistada, especialmente por se tratar de adolescentes e jovens, 96% se classificam como solteiros, conforme demonstra o gráfico abaixo, mediante a questão: Você é:

Gráfico 25 – Estado civil

3.3 A escola e a educação sexual

Finalmente, diante da necessidade de colher um olhar mais maduro sobre a atuação docente quanto ao trabalho da temática sexualidade no espaço de sala de aula, foi necessária a pergunta: “Na escola os professores conversam/explicam ou abordam a questão da sexualidade na juventude?”. Quando as respostas formalizaram o seguinte gráfico:

Gráfico 26 - Abordagem na sala de aula



Diante das informações colhidas, podemos analisar que é preocupante que 67% dos entrevistados consideram que, raramente, os professores conversam/abordam a questão da sexualidade em sala. Fica cada vez mais explícito que “a sexualidade é como um fantasma que ronda as cercanias e os interiores da escola e da sala de aula. Não é o único, mas sabemos disso. Mas é, sem dúvida, um daqueles que, quanto mais se busca erradicar, mais assombra a cada esquina” (GUIRADO, 1997, p. 25)

A escola, ou melhor, os profissionais do ensino, necessitam sentir-se despertos para as problemáticas que a falta de uma orientação sexual ocasiona, isso porque,

Se, no âmbito social, a sexualidade sempre foi um tema polêmico, pois está vinculada a outras temáticas não menos polêmicas, tais como: moral, ética, religião, status social, relação de poder e gênero etc., no âmbito educativo, é assunto delicado, pois gera alguns “dilemas pedagógicos” do tipo: o quê?, para quê?, quem?, e como orientar a sexualidade dos alunos? (LORENCINI JÚNIOR, 1997, p. 93).

Diante da análise acima, urge a indagação: como a escola pode construir um grau de parceria com a família, tendo como objeto de aproximação a sexualidade dos alunos?

(...) A escola pode, e deve auxiliar os pais a deixar de praticar a política do avestruz – que coloca a cabeça no buraco e nada vê, nada ouve e nada fala. Parceria nem sempre significa concordância, o que, no entanto, não deve impedir o desenvolvimento do trabalho, desde que a escola saiba entender a angústia dos pais e suportá-la, sem criar impedimentos a partir disso. A escola deve saber reconhecer que cada família tem seus valores, que são transmitidos para os filhos. Não cabe à escola competir com a família nem ocupar o seu lugar. Ela deve ter o seu papel claramente diferenciado e definido.

Mesmo cumprindo o seu papel com responsabilidade e competência, a escola tem seus limites no trabalho de informar os alunos e auxiliá-los a terem seus próprios valores na vida sexual, sabendo respeitá-los com coerência (SAYÃO, 1997, p. 101ss).

De acordo com as diversas análises levantadas, fica explícita a urgência de trabalhar e desenvolver discussões conjuntas, nas quais a escola sinta-se comprometida e diretamente responsável pela construção de caminhos saudáveis rumo à efetividade teórica e prática de seu ensino. Essa tendência reclama a necessidade de uma escola cujo âmbito de atuação seja a instrumentalização de uma prática de trabalho no qual orientar para a sexualidade não se confunda com a apresentação de um conjunto de normas, muito menos sob um discurso da ausência de normas, mas sob a iniciativa de tecer um olhar sobre uma prática presente na vida humana.

Mas, para alcançar tal nível de discernimento exige compromisso com o alcance dos resultados da ação, uma vez que

Falar sobre a sexualidade implica retomar alguns recursos metodológicos: a história, a antropologia, a moral e a evolução social. Não se fala da sexualidade de maneira fragmentada, dividida, estanque. As relações sexuais são relações sociais, construídas historicamente em determinadas estruturas, modelos e valores que dizem respeito a determinados interesses de épocas diferentes. Esse relativismo não pode ser irresponsável. Ele nos permite perceber a construção social da sexualidade sem, contudo fazê-lo de modo destrutivo ou imaturo. É uma tarefa gigantesca (NUNES, 2000, p. 15).

E essa tarefa, gigantesca à qual o autor se refere, elege para a sexualidade humana um olhar e um novo contexto dentro do espaço escolar, ofertando nortes para que a temática encontre espaço no âmbito dos conteúdos da prática educativa.

É uma utopia que requer o enfrentamento de questões que ultrapassem tabus e limites enraizados por ideologias religiosas, costumes e crenças diversas, necessitando, para tanto, ser uma prática refinada por um conjunto de reflexões e

desdobramentos que viabilizem a abertura do leque das múltiplas possibilidades de reunir em um mesmo patamar de considerações o correto manejo da teoria com a prática.

Assim, é imperativo reconstruir a concepção pedagógica de que a escola deve exercer a sua parceria de contribuição perante as necessidades sociais, vendo a sexualidade e seu processo de orientação como uma de suas tarefas mais básicas, como foco das dimensões fundamentais da existência humana. Sendo relevante, para tanto, redefinir os seus papéis de atuação, dentro de uma escala compreensiva de que a escola, antes de ser considerada um local de trabalho para o profissional do ensino, seja um espaço que tem uma função a ser socialmente exercida e cuja utopia se configura na plenitude da garantia do acesso aos bens culturais, para concretização do ideário de formação do homem integral.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar na possibilidade de construir situações de mudanças e transformações, tendo a educação como palco de atuação, inclui não somente o querer-fazer, mas uma prática que se delineie na direção movimentada pela predisposição de desenvolver ações que caminhem em paralelo a processos de abrir caminhos que alcancem resultados satisfatórios tanto na vida escolar como também surtam efeitos significativos nas esferas e cenários da vida fora da escola. Isso inclui muito mais que portar títulos e referências curriculares que normatizem o mundo do trabalho, mas trata-se de condições que vinculem o aprendizado escolar às questões, necessidades e exigências que ocorrem no mundo social, uma vez que é responsabilidade da escola criar condições que forneçam as ferramentas necessárias à instrumentalização e à desenvoltura do cidadão perante o mundo em que atua.

É certo que, no acelerado universo social que se encontra na realidade à sua volta, quando se está, de certa forma, obrigado a cumprir com resultados satisfatórios – porque vivemos tempos medidos, que determinam, o que, como e quando fazer, sob determinações que, às vezes, não nos permitem o vivenciar da ação recomendada – do fazer-bem-feito, é imperativo que os educadores, enquanto sujeitos diretamente responsáveis pela construção do conhecimento, em um momento que muito se reclama a eficácia e a eficiência do trabalho educativo, conceberem a necessidade de acionar os motores da mudança e da transformação, uma vez que, quanto ao primeiro termo, possamos compreendê-lo em nível do primeiro olhar erguido sobre as propostas que perpassam no cenário escolar, e aí, seria um simples “mudar por mudar”. Enquanto a transformação, seria o resultado esperado quanto à aplicabilidade desse mudar, para assim, ser criticamente sobre as necessidades da realidade, isso sem menosprezar a relevância dos conteúdos para os critérios apontados.

Assim, a temática sexualidade sobressai-se, no âmbito da escola, como um dos temas a ser colocado no campo da reflexão e da prática. Se, por um lado, não é confortável ao professor, perceber que uma adolescente abandona a vida escolar em razão de uma gravidez indesejada, quando este poderia ter contribuído, necessariamente, em termo de orientações acerca de métodos contraceptivos, por

exemplo, por outro lado, percebe-se que, apesar das abordagens que a escola abriga sobre temas que antes eram considerados restritos à saúde, como é o caso da orientação sexual, os professores ainda não se sentem abertos para falar sobre sexo (seja por falta de embasamento teórico, ou falta de adotar metodologias diferenciadas sobre o assunto), quando a abordagem do corpo como matriz da sexualidade, tem com objetivo propiciar esclarecimentos e noções sobre cuidados que se voltam para o campo de uma das necessidades mais básicas do ser humano.

Desta feita, ao privilegiar na escola discussões que inserem a questão da sexualidade, além de instigar a curiosidade dos alunos no sentido de conhecerem o funcionamento da própria anatomia do corpo humano, também propicia o questionamento de papéis rigidamente estabelecidos a homens e mulheres na sociedade, sendo importante ressaltar que, se o pensamento e a valorização de ambos os sexos, forem seriamente abordados dentro do espaço escolar, serão estes visto sob a ótica de respeito e como uma das necessidades básicas da vida humana, pois o sexo se faz presente não somente na anatomia humana, a partir dos órgãos sexualmente ditos, mas está presente e inerente às mais diversificadas práticas e desejos que homem e mulher desenham em suas fantasias e realizações sexuais.

Daí, nasce a proposta de que a sexualidade entre os seres humanos, de um modo geral, seja compreendida num universo maior de significação, pois raramente tem-se pessoas predispostas a pensar no que, essencial e verdadeiramente significa o sexo para a realização humana. Pois sexo é vida e, portanto, é saudável e imensamente proveitoso cogitar sobre o assunto, tendo como objeto de apreciação construir, em parceria com a escola, um diálogo com a vida, uma vez que sexo é vida.

Desse modo, ao pensar a sexualidade como objeto de atenção nas ações pedagógicas, sem dúvida alguma, sugere-se, com uma certa urgência, a necessidade de uma reflexão crítica sobre os rumos da educação, atendo-se, principalmente, para as arestas muito visíveis no trabalho educativo.

Trazer para a escola questões sobre uma temática comum, mas ao mesmo tempo deixada de lado por alguns olhares pré-conceituosos, como se fosse “coisa do outro mundo ou algo contagioso” não é tarefa fácil e, certamente, exige a conveniência de não só se pensar na mudança tendo como ótica de apreciação o

aluno que se tem, seus dilemas, desejos, fragilidades e possibilidades diversas. Porém, pensar criticamente nesse perfil de realidade, tendo como eixo norteador para essa análise, o papel a ser desempenhado pelo educador no contexto de suas atribuições perante a realidade descrita, reside aí, certamente, a necessidade de construir uma escola altamente preparada a acionar um ensino transformador e à altura das exigências sociais. E para construir uma escola assim desenhada e, ao mesmo tempo desejada, exige-se como esforço inicial, o compromisso com o ofício.

Nas discussões mais atuais sobre a escola, questiona-se muito o seu papel transformador que, ao longo dos tempos, concebeu-se sabiamente que seria ingenuidade ter a educação como único e exclusivo caminho para a transformação, todavia, não se deve perder e nem fugir da idéia de que a escola é sim, um dos caminhos mais sólidos que conduzem à transformação, pois é no seu espaço de atuação que se efetivam práticas que devem levar o homem à concretização de um pensar, decidir e agir maduro sobre as diversas circunstâncias da vida.

Para tanto, a questão da sexualidade, por sua vez, não deve ser tratada como algo proibido e distante das discussões que formam o cidadão crítico e consciente em suas decisões, mesmo que as ações pareçam mínimas segundo alguns olhares. Mas para se alcançar um ensino que considere esse prisma de necessidade, diferentes pensamentos e comportamentos devem ser construídos pelos educadores, nos quais a sexualidade está explícita e/ou implicitamente presente em diferentes momentos da vida. A partir desses aspectos, somente a ação desenhará os questionamentos e conclusões necessárias para sanar dificuldades que perpassam no cenário escolar.

Um dos pontos aos quais se buscou apoiar com vistas à construção dessa análise, foi a tentativa de referenciar a escola com espaço de instrumentalização em definir caminhos como resposta à sexualidade, sob uma visão amadurecida de buscar alternativas de como essa relação é vista pelos jovens. Mas para que essa pergunta encontre bases sólidas, a escola, ou seja, os seus protagonistas/mentores devem estar preparados para trabalhar produtivamente, de modo a conduzir, com eficácia, uma orientação na área sexual, sobretudo, quando se tratar de uma clientela que inclua jovens e adolescentes.

É fundamental também, (re)pensar como se efetiva a ação docente diante de um tema tão referendado como a sexualidade – conforme buscamos analisar (vida gráfico 26, se os professores se empenham no sentido de abordar/conversar sobre

sexualidade) e isso inclui, desde o embasamento teórico do educador bem como os caminhos (procedimentos didático-metodológicos) utilizados no processo de ensino e aprendizagem, ou seja, implica precisamente em saber como os profissionais da educação, especialmente aqueles que trabalham com jovens e adolescentes, vêem a questão da orientação sexual como conteúdo escolar e as dimensões que o tema abrange.

Diante dos dados analisados na coleta da pesquisa, foi possível absorver dadas noções às quais a sexualidade está indissociável, a partir de questões que movimentam a ação de um trabalho em cunho interdisciplinar, uma vez que os dados eleitos no questionário utilizado envolveram questões que abrangem outros aspectos da vida e estes, de forma alguma, podem passar despercebidos ao olhar crítico do educador pós-moderno, sendo necessário resgatar questões quantitativas e qualitativas sobre temas como moradia, escolaridade, situação produtiva, idade dos pais, métodos contraceptivos, nível de entrosamento e/ou abordagens dos professores sobre o tema em sala de aula, entre outros aspectos. Visão que interage com o ponto de vista de que falar sobre sexo está relacionado à idéia de que a prática sexual saudável seria aquela temperada com prazer, esclarecimento e responsabilidade, segundo as leituras absorvidas nas análises organizadas neste texto.

Em suma, inferir que a sexualidade como tema de estudo nas escolas, implica não só necessariamente como uma disciplina/conteúdo a mais a ser trabalhado, mas uma iniciativa útil e urgente de ter a escola como agente mediador entre família e sociedade, encerrando a idéia de trazer para o contexto escolar questões que ainda hoje são tratadas sob a ótica preconceituosa e tidas como tabu. Portanto, torna-se uma ação, de certa forma, desafiadora. Isso porque, falar sobre sexo, à medida em que se compreende a inerência entre educação e sociedade, é uma necessidade muito grande, visto a presença que o sexo representa na vida do homem, tanto em termo de sua afetividade para a perpetuação da espécie humana, quanto para as necessidades que a faixa-etária dos alunos nos níveis de ensino fundamental e médio.

Nesse pressuposto, é papel da escola desenvolver em seus programas, a reflexão sobre a possibilidade da criação de um ambiente de trabalho comprometido com a formação humana, ou seja, se se compreende que a escola, no exercício de sua função social, tem a responsabilidade de garantir ao educando o acesso aos

bens culturais, deve ampliar os horizontes de suas discussões incluindo situações-problema que correspondam a pontos relevantes como a opção sexual de cada um, por exemplo.

Diante dos resultados da pesquisa, uma das preocupações mais gritantes, é a questão da não abordagem sobre sexualidade em sala de aula. Fator que concorre para o ponto de vista de que as escolas não se preocupam em trabalhar temas que aferem às reais necessidades dos alunos, especialmente por considerar que Tocantinópolis apresenta um índice preocupante em relação à gravidez de adolescentes (conforme os dados apresentados nos gráficos 15 (16% e 16 (22%), respectivamente,) e que as escolas não dispõem de programas/projetos nesse sentido. Situação que, sem sombra de dúvida, deixa crianças, adolescentes e jovens, à mercê das ideologias da mídia e às fantasias e achismos que perpassam essas faixas-etárias.

No sentido de contribuir para a mudança dessa realidade, uma das iniciativas ditas viáveis, seria que as escolas fizessem um prévio levantamento de sua realidade, via pesquisa de campo, na busca de conhecer os pontos que necessitam ser trabalhados com os alunos em sala, sob uma provisão de acionar uma prática de trabalho mediada pelas teorias pedagógicas inerentes ao assunto, uma vez que outros órgãos movimentam a questão de orientação sexual como é o caso dos programas de TV, das revistas periódicas, mas, como se sabe, há muitas distorções nesse sentido.

Todavia, se os educadores se empenharem no sentido de construir momentos que possam dar suportes para essa faixa-etária, implicaria, certamente, num passo seguro para agir sobre a realidade. Entretanto, é urgente colocar em prática as informações que competem à escola direcionar e se faz também, pela adoção de vários procedimentos metodológicos como exibição de filmes e documentários que abordem o assunto, realização de palestras com especialistas na área da saúde, leitura, discussão e debate de temas com enfoque na realidade local e não local, entre outros chamamentos.

Enfim, muitas são as formas da escola ampliar o leque de suas atribuições, basta boa vontade e compromisso com a causa abraçada: a educação propriamente dita. E para as sugestões aqui citadas, talvez não sejam tão novas, porém, passam a ser entendidas, no universo das considerações mais pertinentes, que essas recomendações são apenas um ponto de partida que, quando colocado aos olhos

do coletivo poderá sofrer modificações e aprimoramentos não com o efeito de fazer diferente, mas de fazer a diferença!

REFERÊNCIAS

BEAVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Trad. Sérgio Milliet. 12 ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, s.d.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais – **Orientação Sexual**. Texto extraído do site: WWW.pedago.brasil.com.br, visitado em 17/01/2006.

CECCARELLI, Paulo Roberto. **Ética, mídia e sexualidade**. In: *Jornal do Psicólogo*, CRP – 04, 20, 75, abril a junho de 2006, 9. Texto disponível no site: WWW.ceccarelli.psc.br/artigos/portugues/html/midiasexual.htm.

CHAUÍ, M. **Educação Sexual: instrumento de democratização ou de mais repressão?** *Cadernos de pesquisa*. São Paulo (36); p. 99-110, fev. 1981.

MURARO, Rose Marie. **Os seis meses em que fui homem**. 7 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2001.

NUNES, César & SILVA, Edna. **A educação sexual da criança: subsídios teóricos e propostas práticas para uma abordagem da sexualidade para além da transversalidade**. Campinas: Autores Associados, 2000.

Revista Nova Escola, edição especial: 5ª a 8ª série - PCN Fáceis de entender.

SALLA, Lílian Fenalti & QUINTANA, Alberto Manoel. **A sexualidade enquanto tema transversal: educadores e suas representações**. Texto disponível no site: www.pedagobrasil.com.br, visitado em 17/01/2006.

SILVA, Jeane Félix da. **A professora de ensino fundamental e a orientação sexual na escola: além dos temas transversais**. In: *Gênero e educação – múltiplas faces*. Maria E. P. de Carvalho & Maria Z. da C. Pereira (Org.). Ed. UFPB, 2003.

SPENCER, Colin. **Homossexualidade: uma história**. Trad. Rubem Mauro Machado. 2 ed. Rio de Janeiro: Record, 1999.

SUPLICY, Marta. **Conversando sobre sexo**. Petrópolis: Editora Vozes, 1983.

TRINDADE, Eilika & BRUNS, Maria Alves de Toledo. **Sexualidade de jovens em tempos de AIDS**. Campinas: Editor Átomo, 2003.